COLECÇÃO DE OBRAS PRIMAS

JOSÉ DE ALENCAR

DIVA

Unica edição revista por

Mario de Alencar

Livraria João do Rio

JOSÉ DE ALENCAR

DIVA

(PERFIL DE MULHER)

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

JOSÉ DE ALENCAR

DIVA

(PERFIL DE MULHER)

EDITORES
ANNUARIO DO BRASIL—RIO DE JANEIRO
RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — Manuel Bernardes — Historias varias (da NOVA FLORESTA).
2 — Soror Marianna — Cartas de Amor (nova restituição por Jaime Cortesão).
3 — José de Alencar — Iracema (edição prefaciada por Mario de Alencar, da Academia Brasileira).
4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
5 — Gonzaga — Marilia de Dirceu (edição prefaciada e annotada por Alberto Faria, da Academia Brasileira).
6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsario (da PEREGRINAÇÃO).
7 — Carlos Dickens — Canto do Natal (tradução de D. Virginia de Castro e Almeida).
8 — Camões — Pensamentos extraidos das suas obras por J. Vianna da Motta.
9 — Cervantes — Novellas exemplares (Cornelia — O Ciumento), tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros (da PEREGRINAÇÃO).
11 — José de Alencar — Diva.

NOTA PRELIMINAR

Diva é um dos romances de J. de Alencar, de que eu mais gosto. Ainda agora, folheando-o para o preparo desta edição, reli-o, sem necessidade, da primeira á ultima pagina, com o mesmo praser e interesse da primeira leitura feita em menino, e das subsequentes, repetidas tantas vezes que nem lhes sei o numero. Encanta-me este livro, pelo estylo e pela força de emoção de duas ou tres scenas, das ultimas, que se destacam na singeleza da narrativa.

Entrecho simples, e poucos os personagens, incluidos os secundarios e episodicos, mas todos vivamente traçados. Ao caracter de Emilia, que é o principal, objectaram criticos do tempo, e mais tarde o proprio Araripe Junior, o insigne apreciador de J. de Alencar, a incongruencia das feições moraes e dos actos, ao parecer compostos a capricho mais para impressionarem pela extranheza do que produzirem um typo verosimil. A realidade artistica teria sido assim sacrificada pelo artificio do romanesco.

Extranha com effeito é a figura de Emilia, incoherente, voluntariosa, de uma psychologia difficil de se retratar ao primeiro encontro; não é um typo vulgar de moça, como as que apparecem á nossa observação intromittente e superficial, e fallaz até no mesmo convivio domestico. Quantas dellas, porém, e particularmente as que merecem observação, se deixam observar e estudar nas manifestações exquisitas e definitivas do caracter? Pois não é geral o conceito, hoje como em todos os tempos, de que a mulher é uma esphynge, impenetravel no seu segredo de alma? Que é por exemplo a admiravel *Esphynge* de Afranio Peixoto, e a sua não menos formosa e acre *Fructa do Mato?* Diva entretanto é mais innocente e menos enigmatica do que Lucia, Clarinha e Joanninha. O que ella tem de excentrico são antes algum dos seus actos de desdem, orgulho e desenvoltura, inpulsivos ou reflectidos, do que o seu proprio caracter. E não consideraram bem aquelles criticos que a apresentação parcial e successiva da sua figura feminina era feita pelas impressões pessoaes do amante, em carta confidencial, escrita ao influxo dos sentimentos que elle ia soffrendo. O retrato moral da mulher amada tinha por força de reflectir traços exaggerados, incompletos, inconstantes, subjectivos de quem confessava não entendel-a. A quem lê a carta é que se vae aos poucos explicando a pessoa moral, esfumada, ás vezes aclarada, mas incerta aos olhos de quem a via quasi á luz de relampagos.

E disso ingenuamente alcançou grande effeito

a arte espontanea do romancista. Interessa vivamente esta ficção, apesar de singela, e sem o enxerto costumado em tantos romances, cujo assumpto principal tem a realidade de um fio fragil, que é mister ir reforçando.

Aqui é o mero desenvolvimento de uma affeição pura de moça rica, desconfiada dos sentimentos que inspira, e incerta de que a mereça o homem a quem ama. Teme declarar-se de todo, teme por si mesma e emquanto o vê solicito, submisso aos seus caprichos, abusa do seu dominio, vae até o excesso contraditorio, peculiar ao animo que duvida; mas ante a reacção violenta do humilhado, ella, ferida, vencida, humilha-se por sua vez com toda a effusão feminina. E *Diva* que era, é mulher, é franquesa, é brandura, é escravidão de amor.

Alem do interesse do entrecho, vale este romance pelo estylo. Não me refiro estrictamente ao teor da expressão vocabular e syntactica, senão á expressão global da intelligencia intima do genero de arte do talento da realização; e é o que forma a graça da obra gerada sem esforço, e feita sem estudo, á semelhança de uma narrativa de memoria. Este livro tem mais vida do que pensamento. Para apreciar o que isso importa numa obra de arte — cujo destino é produzir a idealização involuntaria do leitor, a sua traslação temporaria ao mundo da fantasia, com a impressão entretanto de que não sahe da realidade; o que não compete ás obras de pensamento — compare-se este romance, e os que são como elle,

romances puros, aos outros, hoje tão frequentes, obras hybridas de doutrina e novella, fatigantes, apesar de todo o lavor da linguagem, da imaginação e excellencia das idéas, na verdade deslocados, e talvez pela sua mescla impropria tendentes a final descredito e esquecimento. Trasem esses pelo menos uma parte perecivel, que é a parte extranha á fantasia do genero, ao passo que os romances puros, por muito que mudem as escolas e o gosto, hão de ter leitores a que illudam, como a mim ainda me illude e encanta esta Diva.

Quando primeiro appareceu, e até a morte do romancista, não trazia *Diva* nome do autor, senão a sigla G. M., a mesma que firmava outro estudo de mulher — *Luciola,* a que se refere o escritor na carta de introducção. Em 1875 já tinha *Diva* tres edições; hoje será difficilimo a um paciente bibliographo apurar-lhes o numero, levando em conta as que tem feito a Livraria Garnier, seu primeiro editor, e as outras muitas que se têm publicado por ahi, desde 1888, em que passou para o dominio publico o direito autoral das obras de J. de Alencar. O publico, alheio á critica, reclama-lhe e esgota-lhe as edições.

Março de 1921.

MARIO DE ALENCAR.

A G. M.

NVIO-LHE outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro. D'este, a senhora póde sem escrupulo permittir a leitura á sua neta.

É natural que deseje conhecer a origem d'este livro; previno pois sua pergunta.

Foi em Março de 1856. Havia dois mezes que eu tinha perdido a minha Lucia; ella enchêra tanto a vida para mim, que partindo-se deixou-me isolado n'este mundo indifferente. Senti a necessidade de dar ao calor da familia uma nova tempera á minha alma usada pela dôr.

Parti para o Recife. A bordo encontrei o Dr. Amaral, que vira algumas vezes nas melhores salas da côrte. Formado em medicina, havia um anno apenas, com uma vocação decidida e um talento superior para essa nobre sciencia, elle ia a Paris fazer na capital da Europa, que é tambem o primeiro hospital do mundo, o estadio quasi obrigatorio dos jovens medicos brasileiros.

Amaral, moço de vinte e tres annos, era uma natureza crioula de sangue europeu, placida e

serena, mas não fria; porque sentia-se em torno d'ella o doce e almo calor das paixões em repouso. Minha alma maguada devia pois achar, n'esse contacto brando e suave, a delicia do corpo alquebrado recostando-se em leito macio e fresco.

Quanto a mim, Lucia desenvolvêra com tanto vigor em meu coração as potencias do amor, que cercava-me uma como atmosphera amante, evaporação do sentimento que exuberava. Havia em meu coração tal riqueza de affecto que chegava para distribuir a tudo quanto eu via, e sobejava-me ainda.

Essa virtude amante, que eu tinha em toda a minha pessoa, exerceu sobre meu companheiro de viagem influencia igual á que produzira em mim sua grande serenidade. Elle fôra um repouso para minha alma; eu fui um estimulo para a sua.

Succedeu o que era natural. Desde a primeira noite passada a bordo, fomos amigos. Essa amizade nascêra na vespera, mas já era velha no dia seguinte. As confidencias a impregnárão logo de um aroma de nossa mutua infancia.

Separámo-nos em Pernambuco, apezar das instancias de Amaral para que eu o acompanhasse á Europa. Durante dois annos nos carteámos com uma pontualidade e abundancia de coração dignas de namorados. Em sua volta esteve comigo no Recife; escrevi-lhe ainda para o Rio; mas pouco tempo depois minhas cartas ficárão sem resposta, e nossa correspondencia foi interrompida.

Decorrêrão mezes.

Um bello dia recebi pelo seguro uma carta de Amaral; envolvia um volumoso manuscrito, e dizia:

«Adivinho que estás muito queixoso de mim, e não tens razão.

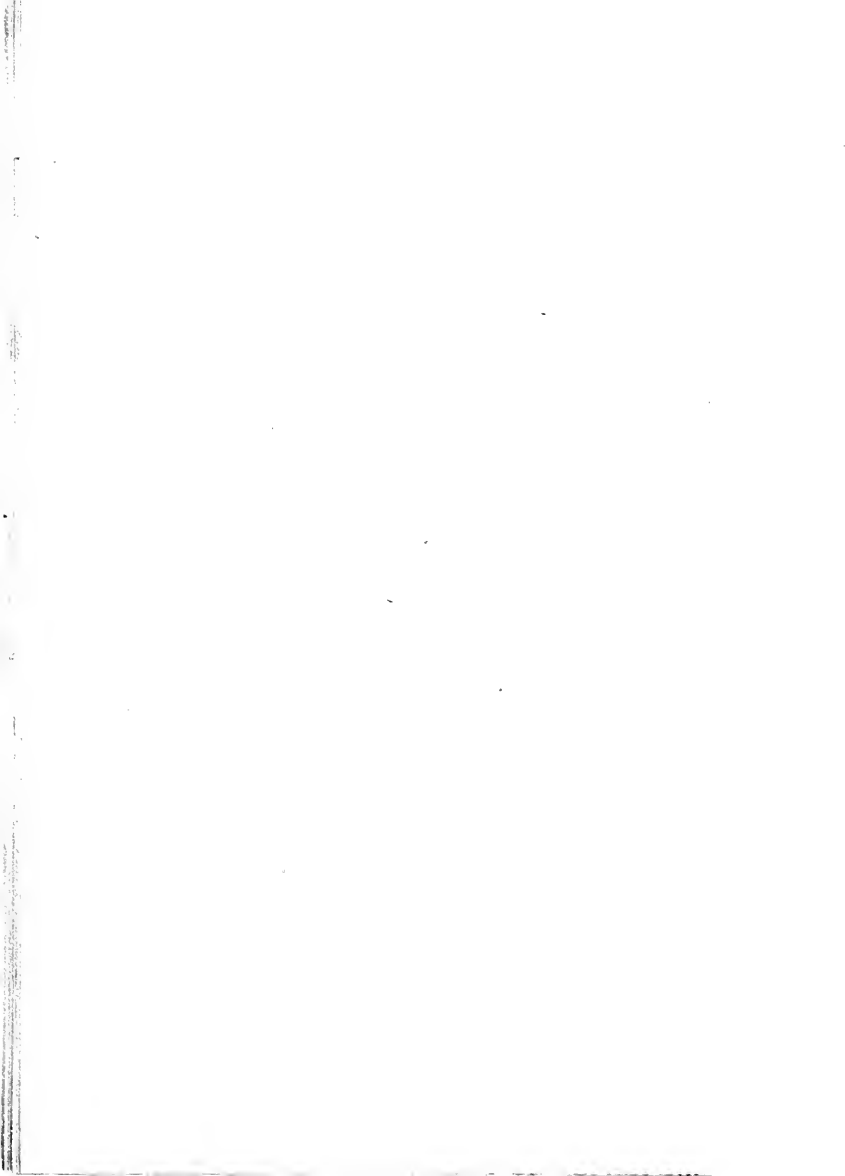
«Ha tempos me escreveste, pedindo-me noticias de minha vida intima: desde então comecei a resposta, que só agora conclui: é a minha historia n'uma carta.

«Foste meu confidente, Paulo, sem o saberes; a só lembrança da tua amizade bastou muitas vezes para consolar-me, quando eu derramava n'este papel, como se fôra o envolucro de teu coração, todo o pranto de minha alma.»

O manuscrito é o que lhe envio agora, um retrato ao natural, a que a senhora dará, como ao outro, a graciosa moldura.

P.

DIVA

I

EMILIA tinha quatorze annos quando a vi pela primeira vez.

Era uma menina muito feia, mas da fealdade nubil que promette á donzella esplendores de belleza.

Ha meninas que se fazem mulheres como as rosas: passão de botão a flôr; desabrochão. Outras sahem das faixas como os colibrís da gemma: em quanto não emplumão são monstrinhos; depois tornão-se maravilhas ou primores.

Era Emilia um colibri implume; por conseguinte um monstrinho.

Seu crescimento fôra muito rapido; tinha já altura de mulher em talhe de criança. D'ahi uma excessiva magreza: quanta seiva accumulava aquelle organismo era consumida no desenvolvimento precoce da estatura.

Ninguem caracterisava com mais propriedade esse defeito de Emilia do que a menina Julia, sua prima. Quando as duas se agastavão, o que

era frequente, Julia a chamava de *esguicho de gente*.

Não parava ahi a fealdade da pobre Emilia. A ossea estructura do talhe tinha nas espaduas, no peito e nos cotovellos, agudas saliencias, que davão ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjuntada a miudo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e timido.

Como ella trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabello, que repuxavão duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de physionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxilla de uma orelha á outra. O nariz romano seria bonito em outro semblante mais regular. Os olhos negros e desmedidamente grandes afundavão na penumbra do sobrôlho sempre carregado, com buracos pelas orbitas.

A respeito do trajo, que é segunda epiderma da mulher e petalas d'essa flôr animada, o da menina correspondia a seu physico.

Compunha-se elle de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma bainha desde a garganta até os punhos e tornozellos; de um lenço enrolado no pescoço; e de umas calças largas, que arrastavão, escondendo quasi toda a botina.

Emilia ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo tre-

geitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo no talho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas. Caminhando, dobrava as curvas afim de tornar comprida a saia curta; sentada, mettia os pés por baixo da cadeira.

Tinha um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabello, que andavão sempre a dansar-lhe como antolhos pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da familia, não lhe voltava as costas como fazia com os estranhos; mas sentia logo uma necessidade invencivel de coçar a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos hombros. Erão modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo escondendo assim o que lhe restava de physionomia.

Muitas vezes o Sr. Duarte zombava com terna ironia d'esses biocos da filha:

— Deixa estar, Mila!... dizia elle abraçando-a. Vou mandar fazer para ti um sacco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Emilia aos quatorze annos.

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da belleza, conhecêra que havia n'essa menina feia e desengraçada o arcabouço de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava; só carecia da incarnação.

Ainda me lembro da colera infantil de Emilia, quando, a primeira vez que estive com ella, eu a perseguia de longe chamando-a:

— Minha noiva!

— Feio!... dizia-me então.

E pronunciava essa palavra como se ella symbolisasse a maior injuria possivel.

II

COMEÇÁRA o verão de 1855.

Uma manhã appareceu Geraldo em minha casa. Entrou, conforme o seu costume, estrepitosamente, e cantarolando não sei que aria do seu repertorio italiano.

— Vai ver minha irmã! disse passando por mim e sumindo-se pelo interior da casa.

Voltou logo com o charuto acceso.

— Tua irmã? perguntei sem comprehendel-o.

— Sim, Mila, que amanheceu com uma febre damnada.

— Ah! É como medico que me pedes para ir ver tua irmã?

— Pois então!... Vamos; veste-te; o carro está na porta á espera.

— Mas, Geraldo... Foi tua familia que mandou chamar-me?

— Foi meu pai.

— A mim, designadamente?

— E esta!... Mandou-me chamar um medico; tu és um... logo!

— Quem sabe! Talvez não lhe inspire confiança.

— Ora, deus!... Elle não entende d'isso!

Ao entrar no carro, Geraldo despediu-se.

— Não vens?

— Para que? Não faço falta lá. Até logo!

Geraldo pertencia á classe dos homens a quem lateja a moleira toda a vida, e, velhos já, são ainda meninos de cabellos brancos. Não te admire portanto a leviandade d'esse moço.

Cheguei á chacara do Sr. Duarte á uma hora da tarde.

A familia estava na maior afflicção. A menina ardia em febre desde a vespera, queixando-se de fortes pontadas sobre o coração. Todos os symptomas parecião indicar uma affecção pulmonar.

No aposento reinava uma frouxa claridade que mal deixava distinguir os objectos. Emilia prostrada no leito, sob as coberturas de lã, parecia inteiramente sopitada no lethargo da febre. Sua tia D. Leocadia, que fazia agora as vezes de mãi, estava sentada á cabeceira.

— Minha senhora, disse eu, é necessario auscultar-lhe o peito.

— Então, Sr. doutor, aproveite emquanto ella dorme. Se acorda, nada a fará consentir.

A senhora afastou a ponta da cobertura, deixando o seio da menina envolto com as roupagens de linho.

Mal encostei o ouvido ao seu corpo, teve ella um forte sobresalto, e eu não pude enguer a cabeça tão depressa, que não sentisse no meu rosto a doce pressão de seu collo offegante.

O que se passou depois foi rapido como o pensamento.

Ouvi um grito. Senti nos hombros choque tão

brusco e violento, que me repelliu da borda do leito. Sobre este, sentada, de busto erguido, hirta e horrivelmente pallida, surgíra Emilia. Os olhos estraseados scintillavão na sombra: conchegando ao seio com uma das mãos crispada as longas coberturas, com a outra estendida sob as amplas dobras d'essa especie de tunica, ella apontava para a porta.

--Atrevido!... clamou o labio erriçado de colera e indignação.

Fiquei attonito. D. Leocadia pediu-me que sahisse um momento. Ao retirar-me, o olhar da menina, repassado de um odio profundo, acompanhou-me até que desappareci na porta.

D'ahi a pouco o Sr. Duarte veiu á sala.

— Peço-lhe mil desculpas, Sr. doutor, pelo que acaba de acontecer. Mila teve uma educação muito severa... Minha fallecida mulher era n'esse ponto de um rigor excessivo; muitas vezes fiz-lhe ver o inconveniente d'isso... Mas, Sr. doutor, V. S. bem sabe quanto as mãis são zelosas de sua autoridade.

— Não se afflija, Sr. Duarte. Eu comprehendi logo a razão do que se passou. Sua filha não estava prevenida... acordou sobresaltada...

— É verdade!

— Demais, eu sou para ella quasi um estranho. Havia, portanto, motivos de sobra para o seu vexame. O recato é tão bella virtude em uma menina!

— Mas em minha filha é em tal excesso, que já parece vicio.

— Mudará com a idade. Agora convém que V. S. a convença da necessidade de consentir...

— Tanto que lhe pedi já e roguei! Não quer ouvir falar de semelhante cousa.

—É dos casos em que um pai deve interpôr a sua autoridade.

— Oh! sinto que não teria animo! Nunca até hoje ralhei com minha filha. Como o faria agora que a vejo tão doente?

— Não será talvez necessario recorrer a esse extremo. Por meios brandos!...

Duarte voltou ao quarto da filha.

Esse homem, que representa na familia um papel importante pela sua nullidade, é negociante: trabalhou toda a vida para enriquecer; depois de rico só vive para ser millionario.

Essa febre n'elle não é ambição, mas destino. Quer a riqueza para seus filhos, parentes e amigos; para si conserva a antiga mediocridade. Nunca até hoje o Sr. Duarte admittiu a menor alteração em seu systema de vida, e nos habitos do homem pobre e laborioso, que fôra.

A riqueza não o fez melhor nem peior; mudou de fortuna, não mudou de caracter, nem de sentimentos. O luxo, que desde muito tempo batia á porta de sua velha habitação, devia penetral-a emfim, um bello dia, sem que elle tivesse consciencia d'isso. Quasi se póde affirmar que o não percebeu. Para elle essa grande revolução domestica não passava de uma questão de pagamento, e portanto da competencia do seu caixa.

Em resumo, tem Duarte uma d'essas naturezas essencialmente mercantís, que nascem predestinadas para o negocio, e só respirão livremente na atmosphera do armazem. De resto, uma boa alma, methodica e fria, como deve ser uma alma acclimada ao balcão desde a infancia, e educada exclusivamente para o juro e a conta corrente.

N'essa alma, como nos canteiros regulares de um jardim, não brota a urze das paixões, mas vem bem e com symetria a flôr cultivada dos affectos calmos. Duarte ama sua familia e estima seus amigos com sinceridade, mas passivamente, sem iniciativa. Capaz de qualquer sacrificio que exijão d'elle, nunca teve a espontaneidade do mais insignificante favor. Não offerece, mas tambem não recusa seu dinheiro, como sua amizade.

O negociante voltou acabrunhado:

— Ella recusa! murmurou.

— D'este modo não sei o que faça. Entretanto a molestia é grave.

— Porque não receita já?

— Não posso indicar um tratamento sem conhecer a molestia.

— Pois, Sr. doutor, eu tembem não posso usar de rigor com Mila, porque sei que isso seria matal-a mais depressa.

Duarte deixou-se cahir sobre uma cadeira, e succumbiu á dôr: as lagrimas saltárão-lhe dos olhos.

— O que me parece mais acertado, é chamar

V. S. um medico de sua confiança, habituado a tratar na familia.

— Já não existe! exclamou com um soluço. Qualquer outro que venha, me responderá o mesmo que o senhor! Meu Deus! Condemnado a ver morrer minha filha, sem poder salval-a.

— Bem, Sr. Duarte. Eu tratarei de sua filha.

A molestia era realmente grave; nada menos do que uma pneumonia dupla. Tive de lutar com a enfermidade rebelde e a tenacidade inflexivel de um caracter singular de menina habituada a ver satisfeitas todas as suas vontades, como ordens imperiosas.

Emilia tomára-me tal rancor, que não me deixou mais penetrar em seu aposento. Se adormecia, e eu advertido por Julinha ou por D. Leocadia me chegava ao leito, mal lhe tocava o pulso, ella acordava com sobresaltos, volvendo os olhos inquietos pelo aposento .

Occultava-me então do lado da cabeceira, entre a parede e o cortinado, e d'ahi esgueirava-me pela porta. Uma occasião, um olhar de Julinha trahiu-nos; ella surpreendeu-me e gritou cobrindo o rosto:

— Deitem fóra este homem!

D. Leocadia e o irmão se affligião muito com os caprichos de Emilia; mas não tinhão nem a força nem a vontade de contraria-la, embora temessem a cada instante que a minha susceptibilidade se offendesse com aquelles modos rispidos.

Mas o meu orgulho de medico principiante estava empenhado n'essa cura. Era ella que de-

via me dar a consciencia da minha força ou talvez o desengano de uma carreira. Foi ella que decidiu do meu futuro .

Nunca, até então, eu assumíra a tremenda responsabilidade da conservação de uma vida, que um erro meu, um instante de hesitação podião sacrificar. E não era uma vida indifferente... Essa menina caprichosa, calma e impassivel á dôr, velando-se como as virgens martyres do christianismo para morrer pudicamente... Essa menina inspirava-me não sei que estranho e vivo interesse.

Eu sentia, combatendo sua enfermidade, o que devem sentir os grandes artistas tratando um assunto difficil; raiva e desespero, quando a consciencia da minha fraqueza contra as leis da natureza me acabrunhava; jubilos immensos, quando meu espirito, tirando forças da sciencia e da vontade, arcava com a molestia e a subjugava por instantes.

Uma vez perdi a esperança.

D. Leocadia dormitava extenuada á cabeceira do leito. Emilia não dava mais acordo de si.

Aproximei-me; a mascara da morte cobria já aquelle rosto diaphano. Sentei-me á borda do leito, e não pude reter as lagrimas que me saltarão em bagas dos olhos.

Santa virgindade das emoções, primeiros orvalhos do coração, que a aridez do mundo tão depressa estanca! A quantos espectaculos pungentes não tenho eu assistido depois com os olhos enxutos e o espirito sereno!

D. Leocadia abriu os olhos:

— Não ha mais esperança, doutor?

Enxuguei as lagrimas envergonhado, e achei em mim uma energia nova. Lancei mão dos ultimos recursos. Um mez arquei com a dissolução que invadia esse corpo fragil, disputando ás garras da morte os sobejos de vida, que lhe faltava devorar. Tinha, a pedido do Sr. Duarte, ficado em sua casa; e a isso a esse cuidado incessante de todas as horas e de todos os momentos, devo o resultado que obtive.

Venci afinal. Mal sabia eu da influencia que devia ter no meu destino essa existencia, cujos frouxos clarões, prestes a se apagarem, eu reanimára com os lumes de minha alma.

Emilia entrou em convalescença. A gratidão do pai foi sincera; sua recompensa generosa. Aceitei a primeira e recusei a ultima.

— Porque? me perguntarias talvez.

Era, como te disse, o meu primeiro triumpho em medicina; trabalhei para elle como o sacerdote de minha nova religião. Por um d'esses motivos mysteriosos do coração que não se explicão, quiz sagral-o unicamente á sciencia, extreme e puro de todo o interesse pecuniario. Tal foi o motivo de minha recusa, e não mal entendido pudor de receber a justa remuneração de tão nobre serviço.

Escrevi ao Sr. Duarte pouco mais ou menos o seguinte:

«Foi Deus quem salvou D. Emilia; a elle

devemos agradecer, o senhor, a vida de sua filha, eu, minha felicidade.

«Meu primeiro doente foi para mim como um primeiro filho. As emoções que senti lutando com a molestia, as angustias por que passei nas suas recrudescencias, o desespero de minha fraqueza n'esses momentos, um pai os deve comprehender.

«Essas emoções só podião ter uma recompensa. Já a recebi do meu coração. Foi a pura e santa alegria de restituir a vida querida, que me fôra confiada. Substituil-a por outra, não seria generoso de sua parte, Sr. Duarte.»

O negociante ainda me procurou, e insistiu, mas inutilmente. Afinal lhe disse:

— Eu conheço, Sr. Duarte, que faço uma violencia á sua generosidade. Mas, em compensação lhe prometto... Começo a minha vida; é possivel que alguma vez me veja em embaraços. N'esse caso recorrerei ao senhor!

— Promette-me?

— Dou-lhe minha palavra.

Pouco tempo depois sabes que fui á Europa, onde me demorei perto de dois annos. Fizemos juntos até Pernambuco a viagem, de que nasceu a nossa boa e sincera amizade. Se não me engano, em nossas conversas intimas a bordo falei-te alguma vez d'essa familia, mas sem as particularidades que refiro agora.

Então ainda a luz intensa da paixão, que veiu depois, não tinha debuxado, como estereotypo nas laminas do coração, a imagem viva d'essa menina.

III

VOLTANDO da Europa, a primeira visita que recebi foi a do Sr. Duarte.

Tinha-me despedido d'elle e de sua familia; n'essa occasião ainda, apezar dos esforços do pai, Emilia não me quiz apparecer. Tambem eu já não reparava na vergonhosa esquivança da menina.

Visitando o negociante, vi ao entrar na sala uma linda moça, que não reconheci.

Estava só. De pé no vão da janella cheia de luz, meio reclinada ao peitoril, tinha na mão um livro aberto e lia com attenção.

Não é possivel idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil d'essa estatua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um d'esses talhes flexiveis e lançados, que são hastes de lyrio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpião-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, tambem não era morena. Tinha sua tez a côr das petalas da magnolia, quando vão desfallecendo ao beijo do sol. Mimosa côr de mulher, se a avelluda a pubescencia juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de roseo matiz. A d'ella era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte,

como diadema scintillando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstrahia da terra. Contemplando-a n'aquelle instante de enlevo, dir-se-hia que ella se preparava para sua celeste ascensão.

Ás vezes, porém, a impressão da leitura turbava a serena elação da sua figura, e despertava n'ella a mulher. Então desferia alma por todos os póros. Os grandes olhos, velutados de negro, rasgavão-se para dardejar as centelhas electricas do nervoso organismo. N'esses momentos toda ella era sómente coração, porque toda ella palpitava e sentia.

Eu tinha parado na porta, e admirava: afinal adiantei-me para comprimental-a. Ouvindo o rumor dos meus passos, ella voltou-se.

— Minha senhora!... murmurei inclinando-me.

As côres fugírão-lhe. Ella vestiu-se como de uma tunica livida e glacial: logo depois sua physionomia annuviou-se, e eu vi lampejos fuzilarem n'aquella densidade de uma colera subita.

Fulminou-se com um olhar augusto, e desappareceu.

Acreditas, Paulo, que essa moça que te descrevi fosse Emilia, a menina feia e desgraciosa que eu deixára dois annos antes? Que sublime trabalho de florescencia animada não realizára a natureza n'essa mulher!

Emilia teria então dezesete annos. Sentia-se, olhando-a, a influencia mysteriosa que um espirito superior tinha exercido na revolução ope-

rada em sua pessoa. O trajo, ainda nimiamente avaro dos encantos que occultava, era de um molde severo; mas havia no gracioso da fórma e na combinação do enfeite, uns toques artisticos, que se revelavão tambem no basto trançado do luxuoso cabello negro.

Voltei impressionado por essa visão de sala em pleno dia.

Se a transformação de Emilia produzira em mim uma admiração grande, maior foi a humilhação que soffri com o seu desdem. Já não era uma menina; estava moça, e não me devia só a cortezia a que tem direito o homem delicado; devia-me gratidão.

— Talvez ignore! disse eu comigo.

Nos dias que se seguírão, surgiu alguma vez em meu espirito aquella imagem de moça; mas essa lembrança me incommodava.

Uma tarde encontrei-me com o irmão:

— Ia á tua casa! disse-me Geraldo.

— Pois vamos.

— Não. Já que te encontrei poupa-me essa maçada. Minha tia manda-te dizer que amanhã toma-se chá em sua casa. Julinha faz annos.

— Ah! D. Mathilde?

— Sim. Adeus.

— Espera.

— Não posso. Ainda vou á chacara, e tenho de voltar para o theatro.

D. Mathilde é casada com um irmão de Duarte. Seu marido vive constantemente na fazenda, trabalhando para tirar d'ella os avultados ren-

dimentos necessarios ao luxo que sua familia ostenta na côrte.

Ainda moça, bonita e muito elegante, ella é perdida pelo cortejo e galanteio de sala. Nunca a honra conjugal succumbiu a essa fascinação, mas a casta dignidade da esposa foi sacrificada sem reserva.

Sua casa nobre em Matacavallos é ponto de reunião diaria para uma parte da boa sociedade do Rio de Janeiro. Todas as noites as salas ricamente adereçadas se abrem ás visitas habituaes. Nos domingos ha jantar para um circulo mais escolhido. De mez em mez apparece um pretexto qualquer para um baile.

Não te falo d'esta casa sómente por ter sido uma scena no drama de minha vida. Foi tambem, como soube depois, uma escola para Emilia.

Essa moça tinha desde tenros annos o espirito mais cultivado do que faria suppôr o seu natural acanhamento. Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das illusões douradas. Sua imaginação fôra a tempo educada: ella desenhava bem, sabia musica e a executava com mestria; excedia-se em todos os mimosos lavores de agulha, que são prendas da mulher.

— Eu nasci artista!... me disse ella muitas vezes sorrindo.

E realmente, havia em sua alma a centelha divina que fórma essas grandes artistas de sala, que nós chamamos *senhoras elegantes:* artistas que por cinzelarem imagens vivas e talharem em

seda e velludo, não são menos sublimes que o esculptor quando talha no marmore a belleza inanimada.

Mas faltava ainda á intelligente menina o tacto fino e o suave colorido que o pintor só adquire na téla e a mulher na sala, a qual tambem é téla para o painel de sua formosura. Foi nas reuniões de D. Mathilde que Emilia deu os ultimos toques á sua especial elegancia.

Não copiou, nem imitou. Começando a apparecer em casa da tia pouco tempo antes da minha volta, ella observava. Seu bom gosto se apurou; um bello dia surgiu outra; a elegancia teve n'ella um molde seu, proprio e original.

Quando aos dezoito annos ella pôz o remate a esse primor de esculptura viva e poliu a estatua de sua belleza, havia attingido ao sublime da arte. Podia então, e devia, ter o nobre orgulho do genio creador. Ella creára o ideal da Venus moderna, a diva dos salões, como Phidias tinha creado o typo da Venus primitiva.

IV

POUCAS entradas tinha eu em casa de D. Mathilde n'aquella época. O convite me sorprendeu; e ainda mais quando no dia seguinte recebi um cartão de visita da senhora com palavras afectuosas.

Tive mais tarde a explicação d'essa e mui-

tas outras finezas que recebi de toda aquella familia. O pai e as tias de Emilia querião, com as repetidas provas de sua bondade, apagar qualquer resentimento que pudessem gerar no meu espirito os modos rispidos da menina, agora moça. Muitas vezes procuravão desculpal-a com seu excessivo acanhamento.

O baile foi esplendido. D. Mathilde triumphava, no meio de suas rivaes e aos olhos de seus adoradores.

Lá estava Emilia.

Ainda a flôr agreste de sua gentileza não se havia acclimado á atmosphera do baile. Ella perdia á noite e no meio do salão ornado pelas mais elegantes formosuras da côrte. Não tinha ali nem a suave limpidez do desalinho, em que eu a víra antes; nem o fulgor radiante, que tanto admirei depois. Era o crepusculo matutino de uma rosa, que abotoára á noite e ainda não desatára ao sol.

Estive conversando com D. Leocadia algum tempo; quando me ergui ella perguntou:

— Não dansa, doutor?

— Póde ser, minha senhora.

— Danse!... Olhe! Vá tirar Mila.

E' a boa senhora mostrou a sobrinha sentada a alguma distancia.

Aproximei-me. Já o baile tinha perdido a symetria da entrada, no meio da confusão que é o seu maior encanto: a musica, as vozes, os risos, os rugeruges das sedas, os borborinhos da festa, enchião o salão.

No meio d'essa multidão jovial, Emilia tinha uma attitude de corça arisca, erriçando os velos macios e estremecendo aos rumores vagos da floresta. A menor palavra, um vestido que roçava, uma sombra a projectar-se, a assustavão. Comtudo, ás vezes, á força de vontade, ella arrancava d'essa mesma timidez audacias ingenuas, que não teria uma senhora: erigia a fronte com altivos desdens, e fitava em face qualquer homem que a olhava.

Comprimentei-a. Inclinou a fronte, não para corresponder-me, mas para esquivar-me o rosto. Quando lhe pedi a contradansa, creio que ella fez um grande esforço, porque o seu pescoço de cysne perdeu a doce flexibilidade: ergueu a cabeça com certa aspereza.

Pôz os olhos em meu rosto, e correu-me um olhar frio e gelado, que me tranziu.

— Não, senhor; disse com a voz secca e rispida.

Ainda eu estava immovel diante d'ella, quando chegou-se pressuroso o Barbosinha:

— Já tem par para esta contradansa, D. Emilia!

— Ainda não tenho, não senhor; respondeu ella com a pronuncia clara e vibrante.

— Então, faz-me a honra de dansar comigo?

Levantou-se para tomar o braço do cavalheiro. Eu tive uma vertigem de colera; era a segunda vez que essa menina humilhava-me.

D. Leocadia passou n'essa occasião.

— Ah! Não quiz dansar com Mila?

— Ao contrario, não lhe mereci essa fineza.

— Pois ella recusou! disse a senhora contrariada.

— Naturalmente já tinha par, D. Leocadia.

Emilia, que se collocára para a quadrilha a pequena distancia, voltou-se rapida ao ouvir as minhas palavras. Um fino sorriso de ironia passou-lhe fugace entre os labios.

— Vou prevenil-a para a seguinte, me havia respondido a tia.

— Perdão, D. Leocadia! Teria com isso o maior prazer, mas... eu me retiro já.

— Devéras, doutor? atalhou D. Mathilde, que atravessava o salão. Dê-me o seu braço. Então, como é isso? O senhor já se retira?

— Estava n'essa intenção, D. Mathilde; mas agora, admira-me como a pude ter.

— Ah! É catavento assim?

— Quem deixará de o ser, quando o sôpro vem perfumado da mais linda boca?

— Eu devia punil-o por ser tão lisongeiro, obrigando-o a dansar comigo esta contradansa...

— Isso seria a minha recompensa.

— Parece-lhe?... Pois vou dar-lhe outra mais doce.

D. Mathilde fez com o leque um aceno á filha:

— Julinha?

— Mamãi!

—Dansa com o Sr. Amaral, e vê se consegues fazel-o esquecer as horas.

— Ao menos a punição é generosa: foge-me o original, mas deixa-me a cópia sua.

Isto foi dito emquanto a menina trocava algumas palavras com uma amiga. D. Mathilde esperava o meu comprimento, e o agradeceu com terno sorriso:

— Antes que me esqueça, doutor, disse-me ella; nós estamos em casa todas as noites que não fôrem de baile ou theatro lyrico: e nas quintas-feiras com especialidade.

A prima e companheira de infancia de Emilia era uma moça muito galante. Parecia-se com a mãi sómente no rosto: o talhe não o tinha nem alto nem esbelto, mas admiravelmente torneado.

Julinha nunca foi loureira; faltava-lhe para isso o orgulho de sua formosura, e a inveja da formosura alheia. Mas, educada na sala, aos raios da galanteria materna, perdêra cedo o casto perfume. Desde menina habituou-se a ser amimada ao collo e beijada por quantos frequentavão a casa.

Deus a tinha feito nimiamente boa e compassiva; por isso quando chegou a idade do coração, ella não soube recusar ao amor as caricias, que forão brincos da infancia. Suas affeições erão sempre sinceras e leaes; nunca trahiu nem por pensamento o seu escolhido; mas tambem se este a esquecia e mudava, ella facilmente se consolava, porque em naturezas como a sua, o amôr não cria raizes profundas, e só vegeta á superficie d'alma.

Continuei a frequentar a casa de D. Mathil-

de. Alli durante um mez, Emilia não perdeu occasião de crivar-me o coração com os alfinetes de sua colera feminina.

Uma noite de reunião, servia-se o chocolate. Ella ia tomar uma chicara na bandeja que passava, quando o criado sem perceber o movimento seguiu. Se visses o meigo imperio do olhar que me lançou comprehenderias porque, apezar de meu resentimento, apressei-me a servil-a.

Entretanto quando lhe offereci o chocolate, recebeu inteiramente distrahida, sem me olhar.

— Muito agradecida! disse-me, atirando a palavra da ponta do beiço o mais lindo, e tambem o mais desdenhoso.

Retirei a mão, julgando que ella sustinha entre os dedos delicados a chicara; mas esta acabava de espedaçar-se no chão manchando a saia achamalotada de seu rico vestido de seda azul.

Emilia ficou impassivel. Volvendo lentamente o rosto, atirou-me por cima do hombro estas duas palavras que vierão afogadas no escarneo:

— Com effeito!...

E retirou-se da sala.

Ella tinha deixado cahir a chicara de proposito; mas n'aquella occasião estava eu bem longe de suspeital-o. Lancei toda a culpa sobre mim; e tive-me em conta do maior desastrado.

Procurei-a: já tinha partido. Na proxima quinta-feira, logo que cheguei, dirigi-me a ella para lhe pedir perdão de minha inadvertencia:

— Peço-lhe mil desculpas, minha senhora, pelo que succedeu!

— Quando?
— Quinta-feira passada.
— Não me lembro.
— Aquella minha distracção de deixar cahir a chicara...
— Ah! foi o senhor?... Nem reparei! disse-me com a maior indifferença.

Esta palavra me offendeu mais que tudo quanto me tinha feito essa moça. Nem sequer com seu odio ella se dignava me distinguir!

De dia em dia a sua aversão tornou-se mais clara. Ella procurava sempre esquivar-se ao meu cumprimento, e quando de todo não podia evital-o, recebia-o com fria altivez. Se estava ao piano e eu chegava, erguia-se, deixando suspensos os que a ouvião tocar ou cantar. Inventava então qualquer dos pretextos em que era fertil seu espirito vivaz, porém o verdadeiro motivo deixava-o bem transparente. Se eu me aproximava do circulo onde ella conversava, chamado por alguma palavra amavel de D. Leocadia, calava-se immediatamente, e no primeiro momento favoravel eclipsava-se.

Duas ou tres vezes, chegando á casa de D. Mathilde, achei-a entretida a brincar com a prima e algumas amigas. Vendo-me entrar na sala, levantou-se bruscamente, e despediu-se das outras sorpresas:

— Adeus! Adeus!... Vamos, Geraldo!

Tomava o chapéo; o irmão contrariado a seguia; entravão no carro, e partião para a chacara,

apezar de ter ella promettido passar o dia com Julinha, e serem já horas do jantar.

Tudo isso me convenceu afinal que o procedimento de Emilia não era filho de uma simples antipathia, mas de um proposito firme de humilhar-me.

Parecia um systema de perseguição acintosa. O instincto da defesa acordou em mim, e com elle o desejo da vingança. De longe e disfarçadamente comecei a estudar essa moça, resolvido a descobrir o seu ponto vulneravel.

Desde que a *Duartezinha*, como a chamavão nos salões, appareceu nas reuniões de D. Mathilde, foi logo cercada por uma multidão de admiradores. Sua nobre altivez os mantinha em respeitosa distancia. Ella conservava sempre na sala, como na intimidade, um mimo de orgulhosa esquivança, que afastava sem offender.

Quando, porém, algum mais apaixonado ou menos perspicaz de seus admiradores, ousava transpôr aquella régia altivez e casta aureola em que ella resplandecia, então sua colera revestia certa magestade olympia que fulminava.

Emilia não valsava; nunca nos bailes ella consentiu que o braço de um homem lhe cingisse o talhe. Na contradansa as pontas dos seus dedos afilados, sempre calçados nas luvas, apenas roçavão a palma do cavalheiro: o mesmo era quando aceitava o braço de alguem. Bem differente n'isso de certas moças que passeião nas salas reclinadas ao peito de seus pares, Emilia

não consentia que a manga de uma casaca roçasse nem de leve as rendas do seu decote.

Uma noite, dansando com o Amorim, socio de seu pai, recolheu a mão de repente, e deixou cahir sobre elle um dos seus olhares de Juno irritada:

— Ainda não sebe como se dá a mão a uma senhora? disse com desprezo.

Proferidas estas palavras, sentou-se no meio da quadrilha, e nunca mais dansou com elle. O Amorim em uma das marcas, tinha-lhe inadvertidamente tomado a mão, em vez de apresentar-lhe a sua.

Frequentava as reuniões de D. Mathilde um moço official de marinha, o tenente Veiga. Tinha uma nobre figura e o cunho da verdadeira belleza marcial. Era um dos mais ferventes adoradores de Emilia. Tirando-a para dansar uma noite, ella ergueu-se e ia dar-lhe o braço; mas retrahiu-se logo e tornou a sentar-se.

— Desculpe-me. Não posso dansar!

— Por que motivo, D. Emilia?

Ella calou-se; mas fitou-lhe as mãos com olhos tão expressivos que o moço comprehendeu e córou:

— Tem razão. Tirei as luvas para tomar chá e esqueci-me de calçal-as.

Estes e muitos outros pequenos factos erão commentados no salão de D. Mathilde pelas outras moças, que não perdoavão a Emilia tantas superioridades, como ella tinha; pois cingia-lhe a

fronte a triplice corôa da belleza, do espirito e da riqueza.

Muitas vezes eu assistia calado aos tiroteios d'essa guerra feminina.

Alguma rival, observando a suprema delicadeza do gesto casto e gracioso de Emilia, ralava-se de inveja e dizia para as amigas:

— Ai gentes! Não me toquem!...

— É mesmo um alfenim! acudia outra.

— Pois ha quem supporte aquillo?

— Ora! É rica! Tem bom dote!

— Já repararão? Nem ao mano ella se digna apertar a mão!

— Tem medo que lh'a quebrem, coitadinha!...

— Não falem assim! dizia Julia voltando-se com um gesto supplicante. Que mal lhes fez Mita?... Pois olhem! Eu acho aquelles modos tão bonitos!...

E Julia, a flôr exhale da sua fragrancia, tomava a defesa da prima, e fazia com uma doce melancholia o elogio d'aquelle suave matiz de pudicicia, que ella, misera, tão cedo perdêra. Ouvindo-a, eu me sentia attrahido para essa boa alma, que Deus tinha feito para a familia e a mãi desterrára para o mundo.

Apezar da esquivança constante de Emilia, eu observei, depois de algumas semanas, que ella tinha um circulo especial de admiradores, onde escolhia habitualmente seus pares.

Esses felizes preferidos obtinhão, além do favor da costumada contradansa, um largo intervallo de conversa intima.

N'essas occasiões ella falava pouco; apenas de espaço a espaço dizia algumas palavras; mas escutava com visivel interesse, séria umas vezes, outras sorrindo.

Quando confirmei esta minha observação, senti n'alma o agridoce dos prazeres, que á semelhança do vinho se derrancão no coração.

— É uma namoradeira! murmurou minha alma vingada, porém triste.

A belleza sem macula d'essa menina humilhava-me; mas a profanação de sua alma, que eu lobrigava n'aquellas preferencias de sala, me confrangeu o coração.

— Não é por ella que eu sinto; pensava eu. É por sua familia, especialmente por seu pai a quem estimo .

Como procurava eu illudir-me!

V

POR esse tempo Emilia fez a sua entrada no Cassino.

— Já viu a rainha do baile? disserão-me logo que cheguei.

— Ainda não. Quem é?

— A Duartesinha.

— Ah!

Realmente, a soberania da formosura e ele-

gancia, ella a tinha conquistado. Parecia que essa menina se guardára até aquelle instante, para de improviso e no mais fidalgo salão da côrte fazer sua brilhante metamorphose. N'essa noite ella quiz ostentar-se deusa; e vestiu os fulgores da belleza, que desde então arrastárão após si a admiração geral.

Seu trajo era um primor do genero, pelo mimoso e delicado. Trazia o vestido de alvas escumilhas, com a saia toda rofada de largos folhos. Pequenos ramos de urze, com um só botão côr de rosa, apanhavão os fôfos transparentes, que o menor sopro fazia arfar. O forro de seda do corpinho, ligeiramente decotado, apenas debuxava entre a fina gaza os contornos nascentes do garceo collo; e d'entre as nuvens de rendas das mangas só escapava a parte inferior do mais lindo braço.

Era o toque severo do pudor corrigindo a tunica da vestal immolada á admiração ardente das turbas.

Quando Emilia sentava-se, abatendo com a mão afilada os rofos da escossia, parecia-me um cysne colhendo as azas á margem do lago, e arrufando as niveas pennas. Quando erguia-se e colleava o talhe flexivel fazendo tremular as brancas roupagens, lembrava o gracioso mytho da belleza, que surgiu mulher da espuma das ondas.

Estive contemplando-a de longe. A multidão de seus adoradores a cercava como de costume, e ella distribuia aos seus predilectos as quadrilhas que pretendia dansar. Pela expressão de ju-

bilo ou de contrariedade dos que voltavão, eu conhecia se tinhão sido ou não felizes.

Que interesse tão vivo achava eu n'essa observação?

Já comprehendeste sem duvida, Paulo, que essa menina me preoccupava mau grado meu. Pois sabe, que n'aquelle momento tinha inveja dos preferidos; apezar do juramento que eu fizera de nunca dansar com ella depois da desfeita que soffri, commetteria a indignidade de ir supplicar-lhe ainda a graça de uma quadrilha, se não temesse nova e humilhante repulsa.

Livre um instante de sua roda de admiradores, Emilia correu a vista pelo salão, e fitou-a em mim com uma persistencia incommoda. Ella tinha, quando queria, olhares de uma attracção imperiosa e irresistivel que cravavão um homem, o prendião e levavão captivo e submisso a seus pés. Eu resistia comtudo; mas ella me sorriu. Então não tive mais consciencia de mim; deixei-me embeber n'aquelle sorriso, e fui, cego da alma que ella me raptára e dos olhos que me deslumbrava.

— D. Emilia... balbuciei cortejando.

Mas que estranha mutação! Sua esplendida belleza congelou-se. As longas palpebras erguidas parecião fixas sobre uns olhos lividos e mortos. Resvalando pela tez baça, as luzes palliejavão-lhe a fronte jaspeada. O talhe de suaves ondulações crispava-se agora com uma rigidez granitica. Senti, aproximando-me, exhalar-se d'ella a frialdade, que envolve como um sudario transparente as estatuas de marmore.

Passei, e tão alheio de mim, que não veria Julinha e D. Mathilde ali sentadas, se esta não me advertisse da minha falta.

— Boa noite, doutor! Que distrahido que elle está hoje!

— Perdão, D. Mathilde! Como passou?... Ia com effeito, não distrahido, mas offuscado, por tanto luxo e formosura. A culpa por conseguinte tambem lhe cabe, e em grande parte!

— Quando é que o senhor ha de perder o costume de ser lisongeiro?

— Quando a senhora quizer acreditar-me!

D. Mathilde começou então a sua revista do baile, que eu escutei, sem ouvir. Emilia estava ali perto; eu não a olhava, mas sentia.

— Julinha!... disse ella rindo. Sabes quantas contradansas já me fizerão aceitar? Quinze!...

— Se dansar-se a metade, será muito!

—Não, enganei-me, não forão quinze. Para a terceira não aceitei.

— Porque? perguntou a prima.

— Guardei esta... para mim... para ficar sentada.

— Que lembrança.

— Depois... Quem sabe?... Talvez me resolva a dansar. Se me pedirem muito!...

Emilia sorria dizendo essas palavras, e eu senti a luz de seus olhos ferir-me a vista.

Meus espiritos alvoroçados serenárão como por encanto. Reconheci-me o homem que fui e sou; frio e sempre calmo, durante o somno profundo

e longo do coração, o qual até agora falizmente só teve uma, mas bem cruel vigilia.

Comprehendi tudo; comprehendi o olhar, o sorriso e o dialogo. Emilia me provocava directamente para lhe pedir aquella terceira contradansa reservada; queria me ver supplicante a seus pés, e vil, apezar da primeira humilhação. Então, quando sua vaidade estivesse saciada, me insultaria de novo do alto de seu orgulho, flagellando-me as faces com um d'aquelles seus olhares de soberano desprezo.

Minto: eu não tinha comprehendido nada. Ainda hoje, depois de tudo quanto soffri, sei eu comprehender semelhante mulher?

Desde que entrevi a perfidia da provocação, cobrei a calma. Tambem tive o meu sorriso desdenhoso e o meu gesto de indifferença. Pedi a D. Mathilde justamente a terceira contradansa, e ella m'a concedeu, apezar de já a ter promettido:

— Farei uma troca! disse-me. Dansarei a quinta com o Dr. Chaves.

Minha intenção foi convencer logo a Emilia que ella se illudia. Desejava que não pairasse no seu espirito a minima esperança de que eu me deixasse immolar ao seu orgulho. Ella bem me entendeu. Seu dente mimoso mordendo o labio, annunciou-me a sua colera e a minha punição.

Esta não tardou muito.

Tinha-me eu retirado do salão, e estivera conversando n'uma das salas proximas. Dando a mu-

sica signal de que o baile ia começar, lembrei-me de que Julinha me promettêra na vespera a primeira quadrilha e fui-me aproximando.

Creio que viste o antigo Cassino, de feia architectura e pobre decoração, porém mais festejado que o moderno, apezar de sua riqueza. Has de te lembrar das columnas que ali havia. Eu me apoiára a uma d'ellas, esperando que se formassem as quadrilhas.

A fimbra de um vestido roçou por mim. Emilia passava pelo braço de uma de suas amigas; passava altiva, desdenhosa, meneando com gestos soberanos a linda cabeça coroada pelas tranças bastas do ondeado cabello. Fiquei immovel entre ella e a columna, acompanhando com a vista, sem querer, o garboso desenvolvimento d'aquelle passo de sylphide.

De repente ella descahiu o corpo no movimento que fazem as senhoras quando sentem presa a cauda do vestido. Com essa inclinação as ondas da escumilha me envolverão os pés. Ouvi o rechino de lençarias que se rasgavam com violencia. Empallideci!... Os folhos do elegante vestido, composto com tanto esmero, rojavão espedaçados pelo chão.

Emilia retrahiu o passo, e abateu uns olhos frios para o estrago do trajo mimoso, que tantos elogios e maior inveja excitára. Depois esbeltou-se para dardejar-me sobranceira outro olhar, mais frio ainda, que me traspassou.

— Nem de proposito!...

Ah! Paulo, se tu ouviras a voz com que

me fôrão ditas estas palavras! O ferro boto não penetra, serrando as carnes, com dôr mais intensa, do que deixavão essas palavras rasgando-me os seios d'alma!

Ainda me adiantei exclamando:

— É uma injustiça, minha senhora!...

Por toda resposta, ella curvou-se para colher as orlas espedaçadas do vestido; arrancando uns fragmentos que arrastavão ainda, atirou-os de si; elles vierão cahir a meus pés, e eu apanhei-os estupidamente.

Duvidei de mim um momento. Teria eu insensivelmente pisado a fimbria da saia? Mas como, se ficára immovel, e nem sequer me voltára? Junto de mim não estava outra pessoa; era pois ella propria quem, para não roçar-me passando, rasgára sem querer o seu vestido, e se aproveitára do incidente para mortificar-me.

Podia eu imaginar que ella tivesse por acinte a mim sacrificado deliberadamente sua elegancia e os triumphos que lhe promettia o baile, cousas que só ao enthusiasmo da primeira paixão sacrificão raras mulheres, as heroinas do amor?

Tocava a contradansa: dei o braço á Julinha. Como já me aborrecia esse baile antes de começar!

Não via Emilia; procurava-a nas quadrilhas já formadas, quando ella surgiu diante de nós, envolta em sua ampla mantilha côr de cinza, que lhe occultava todo o corpo e cingia com uma das pontas o collo e parte da cabeça. Estendeu a mão á prima:

— Adeus!
— Que é isso, Mila?
— Vou me embora. Não vê?
— Ainda o baile nem começou!
— Acha você que estou muito decente? disse abrindo a manta e mostrando a escumilha esgarçada sobre o forro de setim.
— Que foi isto? Quem a pôz n'esse estado?
— Quem?... Um pé! :..
Já viste alguma vez, Paulo, amesquinhar assim um homem e esmagal-o com uma palavra?
Emilia attribuia a mim o que lhe acontecera; e não achava para designar-me, nem o meu nome, nem mesmo a minha qualidade de creatura humana. Era uma cousa, uma parte desprezivel do corpo, um pé!
Não sei o que na minha indignação ia responder-lhe, se ella me désse tempo, e não se afastasse rapida.
— Mas isto concerta-se! disse Julinha seguindo-a. Venha cá!
— Não vale a pena. Adeus.

Retirou-se pelo braço do pai, risonha, sem a menor sombra de contrariedade.
Durante o resto da noite fui o alvo dos remoques dos apaixonados de Emilia; olhavão-me com a escarninha commiseração que inspirava n'elles o meu desazo. Por outro lado, as moças parecião agradecer-me o serviço que lhes prestára com o eclipse da belleza-rainha da noite.
Uma chegou até a dizer-me:

— Ande lá! O senhor fez de proposito, e agora quer negar!

Não lhe dei resposta.

VI

ESPEREI com impaciencia a proxima quinta-feira. Estava resolvido a explicar-me com Emilia.

Durante o principio da noite, conservei-me sentado na varanda; mas via, por um espelho fronteiro á porta, D. Leocadia e a sobrinha em seu lugar do costume, a um canto do salão. Depois do chá realizou-se o que eu esperava; ficou vaga uma cadeira entre ambas; occupei-a logo.

Emilia estremeceu; voltou-se toda para falar a outra moça, que lhe ficava á esquerda; senti que sua cadeira se afastava da minha por um movimento imperceptivel.

— D. Emilia! disse de modo que me attendesse.

Ella olhou-me.

— Desejo fazer-lhe um pedido.

Não me respondeu; mas uma ligeira inflexão do rosto parecia indicar-me que se dispunha a ouvir.

— Diga-me, D. Emilia, se alguma vez involuntariamente a offendi, para que lhe supplique meu perdão? Mas creio antes que tive

a infelicidade, e não a culpa, de desagradar-lhe... Se isto é verdade, farei que a minha presença não a importune mais!

Levantei os olhos para ella. Parecia não me ouvir, nem mesmo ter consciencia de que eu ali estivesse e lhe fálasse. Sua alma passava no olhar, e ia ao outro lado da sala. Havia em sua physionomia e attitude a expressão pasma que deixa a alheiação ou o recolho dos espiritos.

— Não me responde, D. Emilia? insisti ainda.

Continuou impassivel. Estive algum tempo observando-a: depois voltei-me para D. Leocadia.

— A senhora tem notado alguma alteração na saude de D. Emilia?

— Não, doutor; porque? perguntou-me assustada.

— As molestias graves, como a que ella soffreu, costumão affectar alguns orgãos importantes. Por exemplo algumas vezes deixão uma surdez incommoda...

— Pois ella, não! Ouve até muito bem!

— Ah! ha pouco me pareceu o contrario!

Emilia ergueu-se:

— Tambem a mim me parecia que o Sr. Dr. Amaral era myope; mas agora conheço que enxerga muito e longe!

— A senhora ouviu?... Desculpe! Cuidei que estava distrahida.

— Enganou-se ainda d'esta vez! disse-me, e afastou-se.

Uma das allusões de Emilia, eu tinha comprehendido perfeitamente: ella me qualificava de

myope por não ter percebido logo quanto eu a importunava. Que sentido porém tinhão aquellas outras palavras — *enxerga muito e longe!*

Devia ter breve a explicação.

Julinha estava ao piano; conversavamos.

A voz d'essa menina tinha não sei que de bom e mavioso, que penetrava o coração de suaves effusivos. Era quasi sempre ella quem me applacava as coleras suscitadas pelos motejos da Duartezinha.

Esta passeava na sala pelo braço de um moço de vinte annos, ridiculo arremedo de homem, que a moda transformára n'um elegante boneco. Emilia, na sua fria e incisiva ironia, retratava-o com um monosyllabo. Ella dizia por exemplo:

— *Nós* somos um perfeito cavalheiro de sala, Sr. Barbosinha. *Nós* trajamos no rigor da moda.

Este *nós* era o pronome da fatuidade e effeminação do moço.

Passando por diante do piano, Emilia soltou uma risada bem alta e dirigiu-se a Julinha:

— Não lhe parece, prima?

— O que, Mila?

— Eu dizia aqui ao senhor que a gratidão é um sentimento mesquinho.

— Como mesquinho? Não entendo!

— D. Emilia quer dizer que não passa de um fingimento; acudiu o Barbosinha.

— *Nós* nos enganamos, Sr. Barbosinha! re-

plicou Emilia sorrindo. Eu digo, prima, que isso de gratidão não é um sentimento nobre e elevado; pelo menos eu nunca desejaria inspiral-o a alguem!

— Por que razão, prima?

— Pois não, Julinha! Póde haver nada menos generoso e mais ridiculo do que um individuo, porque prestou um serviço, mesmo que salvasse a vida a alguem... arrogar-se uma certa superioridade sobre o outro e julgar-se com direito a tudo... á estima e á amizade de uma pessoa?... Não é uma especie de humilhação que se impõe áquelles que não pedírão, nem desejavão seus favores, e talvez os podião pagar?

Emilia falava com uma natural volubilidade, como se estivera conversando de cousas indifferentes. Seu labio desfolhava, de envolta com as palavras, breves e finos sorrisos, que erão como os espiritos máus de suas palavras. Eu a escutava de parte, sentindo os dardos do escarneo que ella me atirava de revez. De repente vi passar-lhe pelos olhos vivo e subito lampejo.

— E alguns ha d'esses generosos, continuou ella, que não perdem occasião de lembrar o beneficio feito, com receio de que o possão esquecer! Se não é uma infelicidade, parece uma...

Eu vi clara e distincta a palavra *especulação* na boca de Emilia; e estava de pé, alheio de mim, antes que ella a pronunciasse. Que ia eu fazer? Que podia eu, contra o insulto de uma mulher, e ali no meio de uma sala? Nada. Erguêra-me por esse movimento involuntario e mys-

terioso que nos momentos solemnes erige a estatura do homem, como a expansão natural de sua força e dignidade. Sentados parece que nos curvamos á injuria, e a deixamos pesar sobre nossa cabeça; erguidos, como que lhe ficamos sobranceiros, e a olhamos do alto, e a calcamos aos pés!

Emilia vendo-me levantar arrebatado, mediu-me com um olhar provocador, soltando com estudada lentidão a palavra suspensa:

— Uma especulação!

Já eu tivera tempo, não de reprimir, mas disfarçar a emoção. Disse-lhe folheando ao acaso um album de musicas:

— Tem razão, D. Emilia; actualmente com tudo se especula, de tudo se zomba. Ganhar muito dinheiro para ter o direito de rir dos outros, eis a grande questão!...

Havia de certo em meu rosto alguma cousa, symptomas do refrangimento de uma alma angustiada, que assustou Emilia. Ella desviou de mim os olhos e esquivou-se timida e sobresaltada. Parti immediatamente da casa de D. Mathilde; tinha gelo no coração e fogo nas faces.

A minha resposta ao insulto de Emilia me parecia ridicula e parva; outras replicas mais frisantes me acudião, que eu desejava ter podido lançar ao rosto d'aquella moça. Envergonhei-me do ridiculo papel que fizera.

— Se ella amasse alguem!... pensava então. Eu a insultaria na pessoa d'elle.

Decorrêrrão dias; em todos elles meu pri-

meiro pensamento, abrindo os olhos, era d'essa mulher. Forão maus dias esses, que tiverão suas manhãs de odio. Emfim, voltou a calma; o rancor se occultára no coração, como a féra no covil, para espreitar sua vingança.

Pois tempo depois, Geraldo, jantando em minha casa, disse-me de repente no meio de uma conversa:

— Agora me lembro!... Has de fazer-me um favor, Amaral?

— Farei podendo.

— Mas olha que é segredo. Se disseres uma palavra, está tudo perdido! Mila é capaz de ficar mal comigo; e eu antes quero estar mal com meu pai, do que com ella.

— Pelo que vejo tua irmã tem parte n'isto?

— O negocio é d'ella. Eu te conto. A senhora minha irmã tem a mania de dar esmolas.

— Ah! Não sabia!

— Pois fica sabendo; mas cuidado!... Não dês o menor signal de que eu te disse semelhante cousa!

— Que interesse tenho eu em te comprometter? Pódes estar descansado. Mas então, D. Emilia é tão caratativa assim? Em uma moça, admira!

— Oh! nem tu fazes idéa! Ella tem uma porção de velhas, suas protegidas, que não lhe sahem da porta. E não contentes já de pedirem para si, pedem tambem para os outros. Desde criança que Mila se acostumou, quando meu pai volta da cidade, a tirar-lhe todo o dinheiro que elle traz solto na algibeira; e meu pai deixa de pro-

posito uma porção de moedinhas de prata, além do que lhe dá sempre que ella pede. Pois quasi todo esse dinheiro é filado pelas taes velhas.

Geraldo suspirou:

— Que dinheiro tão mal gasto! Podia-me servir ao menos para charutos!

— Mas que relação tem isso com o teu pedido?

— É verdade! Uma das taes velhas descobriu, ou inventou, o que é mais certo, a historia de uma menina que perdeu pai e mãi, e está na miseria, sem parentes que olhem por ella. E de que havia de lembrar-se? De mettêl-a no recolhimento das orphãs!

— Foi uma boa lembrança.

— Achas que sim? Melhor, porque és tu quem ha de arranjar isto.

— Como? Tua irmã?...

— Ella aprovou muito a idéa, e incumbiu-me de obter a admissão da menina, com um dote, que deve receber quando se casar. Vê que extravagancia! Eu tenho lá tempo para cuidar d'essas cousas? Mas não ha remedio senão fazer-lhe a vontade. Ha muitos dias que estou para te falar n'isso, e felizmente agora lembrou-me... Tu andas lá pela Misericordia, conheces aquella gente...

Tive uma inspiração.

— Pois bem, Geraldo. Fica ao meu cuidado.

— Promettes então arranjar o negocio?

— Dou-te a minha palavra; e quasi te posso assegurar que é cousa feita.

— Muito bem; mas que seja logo! Mila não me deixa, e eu não sei já que desculpas invente!

— Amanhã mesmo tratarei d'isso. Como se chama a menina?

— Homem! Se queres que te diga, não sei. Mila deu-me um papel, que eu nem abri. Deve estar no bolso do meu redingote.

— Pois isso é indispensavel, assim como a idade, filiação...

— Eu vou para a casa, e te mando o papel hoje mesmo.

Esperei até á noite com febril impaciencia. Geraldo não cumpriu a promessa; mas no dia seguinte por volta de uma hora elle appareceu.

— Aqui tens! disse-me tirando da carteira a nota. E adeus.

— Onde vais já? Não queres jantar?

— Hoje não. Vou jantar ao Jardim; temos lá esta noite um pagodesinho soffrivel.

Ao descer a escada voltou-se:

— Sim! Eu prometti a Mila que o negocio não passaria d'esta semana. Vê se me deixas ficar mal!

— Vai descansado; respondi-lhe sorrindo.

Reli a nota que Geraldo me havia dado. Era uma meia folha de pequeno velino, onde a mão de Emilia traçára algumas linhas com elegante e fina escritura. Conservei este papel por muito tempo; creio que o queimei sem querer de envolta com outros. Nem já me lembra o nome da menina, que teve, sem o saber, uma influencia rapida, mas decisiva na minha vida.

Uma carta da mulher que eu amasse talvez não produzisse em mim a emoção que senti lendo

aquellas palavras. Sorria de contentamento, e uma vez machuquei o papel aos labios. Cuidei então que afagava a minha vingança; mas quanto me enganei! Sorvia o filtro dos odios fugaces de um amor espesinhado!

— Ah! Ella é boa e compassiva! murmurava eu. Estou vingado!...

Até então, Paulo, cuidava que um egoismo frio forrasse a alma d'esta menina; e tinha medo, porque todo o desprezo, que eu pudesse amassar em meu coração para affrontal-a, iria bater e pulverisar-se n'essa crosta impenetravel.

Recolhi um instante em mim para reflectir. Concertado meu plano, a execução foi immediata. Tudo me favorecia: era um sabbado, dia em que o Sr. Duarte se recolhia mais cedo; por outro lado, o passeio de Geraldo me assegurava da sua ausencia.

Cheguei á casa do negociante com as primeiras sombras da noite.

VII

A CASA do Sr. Duarte acabava de soffrer uma transformação completa.

Quando eu a conheci, e mesmo ainda depois de minha volta, era um velho predio, feio e irregular, construido n'uma das abas da mon-

tanha que cinge os amenos valles de Catumby e Rio Comprido. A chacara coberta de arvoredo estendia-se pelas encostas até as pittorescas eminencias de Santa Thereza.

Gozava-se ahi de uma vista magnifica, de bons ares e sombras deliciosas. O arrabalde era n'aquelle tempo mais campo do que é hoje. Ainda a fouce exterminadora da civilisação não esmoutára os bosques que revestião os flancos da montanha. A rua, esse braço mil do centauro cidade, só annos depois espreguiçando pelas encostas, fisgou as garras nos cimos frondosos das collinas. Ellas forão outr'ora, essas lindas collinas, a verde corôa da jovem Guanabára, hoje velha regateira, calva de suas mantas, núa de seus prados.

Caminhos ingremes e sinuosas veredas serpejavão então pelas faldas sombrias da montanha, e prendião como n'um abraço as raras habitações que alvejavão de longe em longe entre o arvoredo. Limpidas correntes, que a sêde febril do gigante urbano ainda não estancára, rolavão trepidas pela escarpa, saltavão de cascata em cascata, e ião fugindo e garrulando conchegar-se nas alvas bacias debruadas de relva.

As paineiras em flôr meneavão á doce brisa da tarde os brilhantes pennachos, como n'uma festa da roça as mais bellas raparigas, sobertas de seus enfeites, balanção airosas ao som da musica as frontes toucadas de nastros de fitas.

Crescião ali bosques espessos de bambús que ciciavão brandamente, emquanto os leques das

palmeiras vibrados pelo vento arpejavão como frauta rustica.

N'aquelles lugares nascêra Emilia e se criára. Elles forão o molde de sua alma, formada ao contacto d'essa alpestre natureza cheia de fragosidades e umbrosas espessuras.

A primeira vez que a timida menina ousou penetrar esse mato esquecido ás abas da cidade, tinha ella onze annos. Até então vivêra á sombra materna, como flôr que se planta em vaso de porcellana e vegeta nos terraços. Do collo passára ao regaço; quando principiou a andar coseu-se á falda do vestido de sua mãi.

Com os habitos sedentarios que tinha a senhora, a orbita do seu giro não se estendia além da beira da casa e do estreito jardim, que uma cerca de tabuas separava da chacara inculta e abandonada; porém mesmo de longe, Emilia enfiava os olhos por entre os grupos de arvores.

Vinhão d'ali rumores vagos e estranhos mysterios que a estremecião. Logo presa de grande pavor, fugia a abrigar-se no collo materno.

Um dia venceu a tentação. A menina avançou afouta, cuidando encontrar perto a professora. Não a viu; quiz retroceder e não teve animo; tornou a avançar; o menor ruido a assustava, a mais leve sombra lhe incutia terrores e vertigens. Até que succumbiu n'um ataque de nervos.

Emilia esteve dois dias de cama. A mãi declarou-a doente por uma semana. Houve larga discussão a respeito do grave acontecimento; um mez durante não se falou de outra cousa. Julinha

foi estar algum tempo com a prima para distrahil-a; e a medrosa menina se viu cercada dos maiores desvelos.

Tudo isto produziu effeito opposto ao que esperava a mãi. Quidava ella conservar assim aquella natureza fragil, timida e melindrosa, que só podia viver elada ao seio materno, como hera ao tronco. Que bem sabia do germen funesto que lançára na alma tenra da filha!

Foi a semente da primeira rebellião. Emilia teve grande vergonha de seu panico. Um sentir novo e estranho, que não era desejo, nem raiva, pezar ou contentamento, porém um mixto de tudo isso, a entumecer-lhe a alma; um sentir nunca sentido turbou a innocencia da menina.

Muita vez a sós as faces lhe ardião, o sangue fervia dentro, as lagrimas saltavão dos olhos; subito erguia-se, com o talhe erecto, a cabeça desaffrontada, o olhar acceso, e um sorriso —que sorriso!—mordido no labio turgido. Erguia-se para bater com o pé no chão e desafiar do gesto uma visão de sua phantasia.

A teima infantil, que devia ser orgulho na mulher, estava-se gerando n'aquelle coração de menina.

Uma noite, ao deitar, Emilia jurou que arrostaria tudo para atravessar ella só a alameda da chacara. Seu dito, seu feito, e logo feito. Os primeiros albores do dia a achárão já pronta. Á excepção de alguns escravos, todos dormião na casa.

Esgueirou-se furtivamente pelas escadas e ga-

nhou a cerca. Da cancella até o fim da alameda foi uma corrida só e de olhos fechados. Lá parou, tomou folego e correu a vista espavorida pelas densas e escuras ramadas. Disparou nova corrida, mas já senhora de si. Assim percorreu duas ou tres vezes a alameda. Quando o sol nasceu, entrava ella sem ter sido presentida, e mettia-se na cama, onde sua mãi com pouco a foi despertar.

N'esse dia Emilia esteve de uma alegria que não mostrára recebendo a mais enfeitada de suas bonecas. Saltava de contente; a ponta de seu pé calcava mais firme o chão como se o quizera repellir, tanto o passo era firme e altivo. A luz filtrava mais viva na pupilla negra; a mão tinha taes impetos nervosos que partia as pennas escrevendo, e amarrotava a costura.

— Foi essa a minha primeira travessura, me dizia ella depois contando as suas recordações de infancia. D'ahi em diante a minha afouteza foi em progresso. Um anno depois o mato já não tinha segredos para mim; eu conhecia todos os trilhos e veredas, sabia onde estava a melhor goiabeira, o cajueiro mais doce e o côco de indaiá, de que eu era muito gulosa! Eu mesma... O senhor acredita?... trepava nas arvores, pendurava-me aos ramos, e saltava pelas ladeiras as mais ingremes.

— E sua mãi consentia n'isso? perguntava-lhe eu.

— Não consentia, não! Pobre mãi! Nunca ella o soube. Eu aproveitava as horas de estudo em

que me deixavão só. A sala dava para o jardim; n'uma volta ou n'outra eu ganhava a chacara, sem que me vissem. Demais, sonsa como era então, ninguem em casa podia desconfiar das minhas travessuras. Diante de gente tinha tal acanhamento que até já aborrecia. Minha mestra chamava a isso com muita graça a minha *ferocidade caseira!*...

Fóra assim, Paulo, que se formára essa natureza timida ao mesmo tempo que audaz. Havia n'ella a transfusão de duas almas, uma alma de criança e outra alma de heroina. Só, em face da natureza, a agreste poesia d'aquelles ermos communicava com seu espirito e o enchia de arrojos admiraveis. Em presença de alguem a vida soldava-se no intimo como n'um envolucro impenetravel; restava apenas na superficie uma sensibilidade irritavel.

Com a idade essa menina assumíra a pouco e pouco o governo despotico da casa e da familia. Desde o pai até o ultimo dos escravos todos lhe obedecião cegamente. Ella recebia com gentileza de moça e dignidade de senhora a homenagem devida á superioridade do seu espirito.

Um dia, Emilia, que já começára a frequentar a sociedade, sorprendeu sua alma triste e desconsolada no meio d'aquella velha habitação; pareceu-lhe isso um degredo dos ricos salões onde algumas noites se expandia a sua belleza.

Disse então uma palavra. De repente o feio edificio surgiu das ruinas maior e sumptuoso, entre jardins, marmores e repuxos; foi coberto de

vasos, pinturas e tapeçarias; encheu-se de ricas mobilias; teve grande trem, numerosa criadagem e serviço magnifico á européa.

Um dos novos criados, que não me conhecia, levára meu cartão de visita. Esperando, eu observava pelas janellas, á luz frouxa das estrellas, os taboleiros de relva e os alvos passeios que se recortavão na areia da chacara. Nada sabendo ainda, sentia em tudo quanto me cercava o tacto delicado das mãos de Emilia.

Ouvi perto de mim a voz do Sr. Duarte.

— Bem apparecido, doutor, n'esta sua casa! Cuidei que estava mal com ella!

O negociante conduziu-me, através de grandes salas, que estavão acabando de decorar, a uma saleta do lado opposto do edificio.

D. Leocadia cosia junto á meza; Emilia estava ao piano; mas vendo-me entrar, levantou-se, correspondeu com a costumada frieza ao meu comprimento, e foi recostar-se á sacada.

VIII

PASSEI alguns instantes a conversar com D. Leocadia junto á meza. O negociante sentára-se n'uma cadeira de palha á porta do terraço, onde regularmente todas as noites fumava seu charuto.

— Sr. Duarte! disse eu alteando a voz.

— Doutor!

— O senhor está lembrado do que se passou entre nós ha tres annos, logo depois do restabelecimento de D. Emilia?

— A que respeito?...

— A respeito da maneira generosa por que o senhor quiz recompensar os pequenos serviços que eu...

— Ah! lembro-me!

— Pequenos serviços, doutor! acudiu D. Leocadia. Um irmão não faria por sua irmã o que o senhor fez por Mila.

— Fiz o meu dever, minha senhora, e nada mais; um simples dever de medico!

— Não! O senhor póde pensar como quizer; mas eu sei que lhe devo a vida de minha filha, doutor. Se não fosse o senhor...

— Que passou vinte e tantos dias, quasi sem dormir, não pensando em outra cousa... Cuida que eu não vi o seu desespero quando Mila peiorou? E até uma vez...

— Perdão, D. Leocadia! disse eu muito contrariado. A senhora comprehende que não vim lembrar o que se passou ha tanto tempo para provocar elogios, que não mereço, e que, desculpe, me desagradão sempre.

— É tal e qual: sobre isto não é capaz de ceder. Não o contrarie, mana.

— Está bem, doutor, não se zangue; já me calo; respondeu a senhora com bondade.

— Repito, continuei, não fiz mais do que a minha obrigação: e quando recusei a recompensa

generosa que o Sr. Duarte me offereceu, tive para isso uma razão. Não sei se lhe disse?

— Creio que sim; mas não me recordo bem.

— Recusei por interesse...

— Ora, doutor!... murmurou timidamente a tia de Emilia.

— É verdade, D. Leocadia, por interesse e ambição! Tambem tenho as minhas superstições! Acreditava, e ainda acredito, que a minha primeira cura me devia dar felicidade, se eu a votasse como pia offerenda á sciencia e á humanidade. E não me enganei!... Foi sua amizade, Sr. Duarte, e a maneira por que recommendou o meu nome aos seus amigos, que me fizerão conhecido e chamado.

— Diga o seu talento; isto, sim, é que o fez conhecido e ha de tornal-o um dos primeiros medicos do Rio de Janeiro.

— Não tenho taes pretenções. Já vê pois, D. Leocadia, que meu desinteresse não passou de uma pequena especulação feita sobre a amizade e gratidão de sua familia!

Durante esta conversa eu não deixára de observar Emilia. Ella estava ainda na janella; a principio fez um movimento para voltar-se, que logo reprimu; depiois pendêra a fronte na mão e conservára-se immovel.

As minhas ultimas palavras a arrancarão bruscamente a essa attitude pensativa; atravessou a sala e veiu sentar-se no sofá, defronte de mim. Toda ella era desdem e altivez. Nós cruzámos

um olhar, como dois adversarios cruzão o ferro, começando o combate.

— O doutor está gracejando! disse-me D. Leocádia

— Demais, eu não fui tão desinteressado como parecia, porque... Deve recordar-se, Sr. Duarte... Recusando n'aquella occasião prometti-lhe comtudo que se alguma vez me achasse em embaraços, não recorreria a nenhuma outra pessoa...

— É exacto! O senhor deu-me a sua palavra... Mas infelizmente ainda não chegou essa occasião, e receio que nunca chegue.

— Pois chegou! disse eu córando mau grado meu..

Não obstante a punição que eu ia infligir a essa moça, e a zombaria da minha simulada cupidez, não me pude eximir ao vexame de parecer um instante dominado por mesquinho interesse pecuniario em face de pessoas que me estimavão. Mas o prazer da vingança me arrastava.

— Sériamente, doutor? exclamou Duarte. Não sabe quanto isso me alegra. Disponha francamente de mim. Quanto precisa?

— Fale; acudiu D. Leocadia; não se acanhe. Mano José deseja sinceramente mostrar-lhe sua amizade.

Emilia me fizera justiça; depois do que se havia passado entre nós, ella sentia que eu era homem a morrer na miseria antes de estender a mão ao dinheiro do pai. Seu olhar fito em

mim parecia querer arrancar-me do fundo da consciencia a minha intenção occulta.

— Interesso-me, dizia eu, por uma criança desvalida que perdeu os pais... Espero obter a sua entrada no recolhimento das orphãs, e desejava n'essa mesma occasião fazer-lhe um pequeno dote...

— Muito bem, doutor! exclamou D. Leocadia. Não póde haver dinheiro mais bem empregado!

— E eu tenho o maior prazer em concorrer para tão bella acção! De quanto será o dote que nós lhe devemos fazer?

— Com licença, Sr. Duarte! Eu protesto contra esse *nós:* o dote ha de ser dado por mim só; quero ter o egoismo d'essa boa acção, a primeira e talvez a unica de minha vida.

— Que teimoso que elle é! observou D. Leocadia rindo-se.

— Meu egoismo, porém, não deve prejudicar a minha protegida, privando-a da caridade de uma familia que tantos beneficios lhe póde fazer. Por isso desejo que tambem a conheção...

Tirei da carteira a lembrança dada a Geraldo pela irmã.

Emilia, que mudára de côres desde que eu falei da menina, fez um gesto, como se ao primeiro impulso se quizesse precipitar para me arrebatar das mãos o papel que eu lia. Mas em vez d'esse movimento o talhe descahiu, como um corpo a que desmaia a vida; a sua altivez succumbia vencida.

— D'este modo, Sr. Duarte, eu persisto ainda na minha primeira idéa... na minha superstição. Especulo ainda! A minha primeira cura será sempre o melhor momento da minha vida; com o preço d'ella poderei remir da desgraça a uma pobre creatura! Ao mesmo tempo livro-o da violencia que fiz á sua generosidade, recusando outrora o pagamento dos meus serviços.

D'estas palavras, aquellas que tinhão uma significação pecuniaria, minha voz as pronunciava com tal aspereza, que parecia querer dar lhes o tinido metallico de moedas.

— Aqui tem a minha conta; conclui.

Emilia estremeceu.

— Que é isso, doutor? exclamou o negociante resentido. Cem mil réis?...

— Pelo tratamento de Emilia? acudiu D. Leocadia.

— Acha que é muito?

— Ora, o senhor está zombando comnosco! Pois havemos de lhe dar sómente essa ridicula quantia pelo trabalho immenso que teve...

— Que trabalho! Umas vinte visitas, que para um medico principiante são generosamente pagas a cinco mil réis!

— O que é que você chama visitas, doutor? Passar as noites em claro...

— Olhe lá, D. Leocadia. Eu me agasto com a senhora!

— Decididamente, Dr. Amaral, não lhe pago esta conta. Se quizer accrescentar uma cifra, bem!

— Neste caso ficaremos como d'antes.

— Mas escute, doutor...

— O melhor é não falarmos mais disso! atalhei eu.

Emilia ergueu-se arrebatadamente.

— Papai, dê-me essa conta! disse ella.

Sua mão tremia segurando o papel, que ella devorou com a vista, de pé junto á meza. Tu adivinhas, Paulo, o sentimento e a intenção com que escrevêra eu essa conta: seu nome, sua pessoa, sua vida, posso dizêl-o, sua vida de moça bella, rica e adorada, ali estava cotada no mesquinho algarismo! Eu lhe dava plena quitação do seu reconhecimento!

Ella esteve muito tempo a ler; depois as roseas palpebras, franjadas de longos cilios, desvendarão os olhos, que ella pôz em mim, humidos da tenue marugem de uma lagrima estalada.

— Sou eu que devo pagar-lhe! disse-me, vibrando a voz.

E ao mesmo tempo o papel voou em pedaços sobre a meza.

— Mila!... murmurou D. Leocadia.

Emilia atravessou o salão e desappareceu.

— Ella tem razão! disse o pai erguendo-se. Entre nós, doutor, não ha necessidade de contas, nem de recibos. Vou dar-lhe...

— O que, Sr. Duarte?

— O menos que é possivel... as seis cifras.

— É escusado! Já disse... falemos de outra cousa.

Esta scena, que eu acabava de representar,

me fatigára horrivelmente. Mudei de conversa. Veiu o chá, e Mila não voltou á sala. Retirei-me triste.

No dia seguinte mandei um procurador receber do Sr. Duarte com uma ordem minha os cem mil réis. Esse sujeito ia prevenido; disse ao negociante que para evitar demoras adiantára aquelle dinheiro no recolhimento, de modo que tratava-se de um reembolso. O pai de Emilia foi obrigado a ceder.

Tive n'esse dia alegrias pueris. Como uma criança... E eu o era então; homem para a razão sim, mas criança ainda para a paixão que não me tinha encanecido a alma!... Ria-me só, enchia a imaginação das idéas mais extravagantes... Não te revoltes, Paulo! Já te confessei: essa mulher, que devia envelhecer-me o coração, começava fazendo-me menino.

Desde então percebi em mim um desejo novo, um desejo vivo e ardente de ver Emilia. Não podia voltar á casa de seu pai, que eu visitava de longe em longe, sem mostrar afan que não devia. Esperava encontral-a em Matacavallos; mas n'essa quinta-feira deixou de ir á partida de D. Mathilde.

A menina entrára para o recolhimento; eu cumprira a promessa feita a Geraldo como se nada houvera passado; disse-me elle que a irmã não lhe fizera a menor observação; mas ella soube pela velha que eu tinha accrescentado, sempre em seu nome, o dote da sua protegida.

Fazia justamente uma semana que eu tinha

ido ao Rio Comprido; muito cedo ainda, ás sete horas da manhã, recebi um bilhete de D. Leocadia.

Dizia-me ella:

«Nós o esperamos hoje para jantar. Não lhe digo o motivo d'este convite de proposito, para que a curiosidade de saber o obrigue a vir sem falta e mais cedo.»

A letra era de Emilia.

Eu tremi! É verdade, Paulo! Não conhecia ainda o caracter d'essa menina; mas sabia já que ousadias tinha seu orgulho de mulher formosa, habituada a ver o mundo applaudir-lhe todos os caprichos.

Que nova humilhação me reservava ella!

IX

ADMIREI-ME, chegando, da ausencia de convidados, e especialmente da familia de D. Mathilde.

— Parece que não esperão ninguem mais; respondeu-me o criado. O senhor mesmo janta na cidade.

Entretanto a casa, cujos reparos havião completamente terminado, estava preparada como para grande recepção: notava-se em toda ella o ar de festa que expande a physionomia dos edificios como a das pessoas, porque os edificios inspirão a alma d'aquelles que os habitão.

D. Leocadia veiu receber-me.

— Já sei que está muito curioso de saber o motivo d'este jantar?

— Creio que, apezar de não ser dos mais atilados, já o adivinhei!

— Devéras! Vamos a ver!

— É mais uma prova da sua bondade para comigo, e de seus repetidos obsequios...

— Pois não acertou! Pretendiamos, logo que se acabassem as obras da casa, reunir aqui todas as pessoas da nossa amizade; porém mano José não entende d'estas cousas, Geraldo é uma criança... E nós queriamos saber a opinião de uma pessoa de gosto... Talvez note alguma cousa que não pareça bem!

Era um pretexto. D. Leocadia repetia a lição que recebêra da sobrinha. O imperio d'essa menina era tal, que não impunha unicamente obediencia ás pessoas que a cercavão; obrigava-as a se identificarem com a sua vontade, annullando-se.

Emilia appareceu. Na simplicidade extrema de seu trajo ella parecia apenas vestida, tal era o realce de sua belleza nativa, e a sobriedade dos enfeites; entretanto nunca roupas de virgem forão assim avaras de encantos. A belleza não se mostrava, transparecia.

Ella vinha, como sempre, coroada pela regia altivez, que era o gesto de sua formosura; porém n'esse dia perpassava-lhe na fronte de ordinario tão limpida uma tenue sombra, de uma mágua talvez.

Cortejou-me, não fria, mas séria; foi até a janella, e veiu depois sentar-se ao piano. Emquanto eu continuava a conversar com D. Leocadia, suas mãos corrião lentamente pelo teclado, que exhalava uns arpejos frouxos e dolentes.

D. Leocadia sahíra um instante.

O piano calou-se emfim. Eu vi Emilia de pé no meio da sala, hesitando no passo que a devia aproximar de mim:

— Perdôe-me! disse-me ella.

E a voz com que o disse tinha modulações sublimes.

— Sei agora quanto o offendi! Não sabia então quanto lhe devo! Minha tia contou-me...

— A senhora nada me deve, D. Emilia. Estou pago! Já recebi o meu salario. Foi o preço de uma gratidão que tudo a incommodava!

— Não me diga isso! Seja sempre generoso!

— Quem deve sou eu. Um doente rico tem á sua disposição todos os medicos e os melhores; mas para um medico principiante e desconhecido, um doente que paga bem, é uma fortuna!

— Eu mereci estas palavras, porque fui má e injusta... Fui até sem delicadeza!... Mas se lhe confessasse... teria pena de mim!

— Confessar-me o que, D. Emilia? perguntei commovido.

A tia voltava.

— Logo!...

Ella articulou essa palavra, já calma e sem o menor vexame, com a voz tão clara, que D. Leocadia devia ter ouvido.

Eu ia de mysterio em mysterio. Que significava a estranha confidencia de Emilia? Que exprimia aquelle mixto de franqueza e reserva, de placidez e emoção?

Depois de jantar fomos correr a chacara.

A amabilidade, ainda cerimoniosa, mas doce, com que Emilia me tratava, foi tão sensivel, que D. Leocadia a notou, apezar da sua constante bonhomia.

— Ah! Já fizerão as pazes? disse-nos a senhora. Muito bem!

— Nunca estivemos mal, minha tia. Não nos conheciamos; não é verdade? replicou Emilia voltando-se para mim.

A maliciosa e gentil menina, que dirigia o passeio, andava de proposito com extrema rapidez para fatigar a tia: afinal o conseguiu.

— Não posso mais! Estou muito cansada! murmurou D. Leocadia, deixando-se cahir n'um banco de pedra.

Estavamos junto de uma cascatinha, onde tinhão arranjado uma gruta, um pequeno lago e outros embellezamentos.

— Venha ver a cascata! me disse Emilia.

Acompanhei-a até a margem do tanque; ficavamos alguns passos apenas de D. Leocadia, porém o rumor das aguas que latião entre as rochas abafava nossas palavras. Emilia esteve a brincar, com umas flôres aquaticas que vegetavão nas fendas, saltando de pedra em pedra. Eu vi-a oscillar sobre uma ponta de rochedo coberto de musgos e batido pelas aguas.

De repente voltou-se:

— O senhor me julga muito ingrata?

— Eu, D. Emilia?

— Oh! Não negue! eu sinto!... Pois enganou-se! O que eu sou... Talvez não lhe saiba dizer...

Ella abaixou os olhos para os borbotões de espuma que se esfrolavão a seus pés.

— Sou... um espirito que duvida, um coração que vacilla!

Eu não comprehendia; estava sorpreso.

— Esta gratidão que eu lhe consagro ha tres annos, continuou ella, tem sido a minha unica alegria!

— Como é possivel, D. Emilia? Não acredito!...

— Pois creia! Tenho uma testemunha...

— Qual?

— Conhece?

— A minha carta!...

Ella passára rapida pelos meus olhos a carta que eu tinha escrito ao pai logo depois do seu restabelecimento.

— Está assim amarrotada... Não sabe porque? É ella que envolve os cabellos de minha mãi!

Emmudecêmos ambos. O papel desappareceu outra vez; tinha-o escondido no seio. Passado um instante Emilia falou de novo, mas absorta, como se falára comsigo mesmo n'um recolho intimo:

— Não acredito no amor!... Alguma cousa me diz que não amarei nunca!.. Entretanto o

coração sente... tem necessidade de uma affeição creada por elle só, e que não venha do sangue. Ha uma porção d'alma que pertence á familia e vive n'ella, como as raizes d'esta planta, no seio da terra que a produz... Mas a outra porção, essa é nossa unicamente e tambem precisa de sentir e viver! Não é assim?

— Deus quiz que fosse assim, para que a humanidade existisse.

— Deus quiz... Mas porque me pôz elle n'alma esta duvida cruel?... Tenho dezesete annos, e já me sinto orphan das minhas esperanças!

— A senhora, D. Emilia? Que lhe falta? Espirito, formosura e riqueza, tudo que o mundo admira...

— Eu quizera não ser admirada, mas...

Elle hesitou e reprimiu a palavra que ia pronunciar.

— Não falemos n'isso. Já lhe disse que não acredito em paixões. Durante o anno que passou, esperdicei por ahi, por essas reuniões, meus sonhos, minhas alegrias, minha alma! Sabe o que eu trazia? A desillusão!... Quando entrava em mim não achava senão uma lembrança doce e pura... Era a minha boa gratidão, o reconhecimento que eu lhe votava... E não sabia tudo ainda... Não tinha ainda aqui como agora suas lagrimas!...

— Obrigado, D. Emilia!

— Oh! Não me agradeça!... Escute-me! Essa gratidão, esse sentimento bom e puro, era uma cousa minha, occulta e desconhecida, que eu de-

dicava no silencio de minha alma á sua memoria... porém não ao senhor!

— Ah!

— Do senhor, eu tinha medo, quando o via. Tinha medo que me arrancasse tambem do espirito mais essa doce illusão. Desculpe-me: eu não o conhecia então. Duvidava...

— Mas por que motivo? Percebeu alguma vez em mim a menor intenção de abusar?...

— Nunca!... Era uma cousa que não estava em mim! Um temor vago e indefinivel... Parecia-me que o halito de sua primeira palavra vinha murchar em minha alma a unica flôr de sentimento que brotára n'ella... E eu defendia-me afastando-o... N'aquella noite... não o entendi... Disse aquellas más palavras... Perdôe-me! Eu tambem soffri... Soffri mais porque ellas não erão vingança, não. Gemidos, sim, de quem tanto perdia!...

Fui eu então, eu insultado e escarnecido, que pedi a essa mulher o perdão de minha vingança.

A tarde cahia. A solidão começava a encher-se de sombras, de perfumes, de eloquentes silencios. Emilia sorveu com delicias esse respiro dos campos na hora do crepusculo.

— Que linda tarde!... murmurou. Aqui... parece-me que eu poderia crer... Mas lá!...

Seu labio desfolhou um triste sorriso.

— Vamos, Mila! disse D. Leocadia.

— Sim, minha tia.

Ella estendeu-me entre as rendas de seu lenço a ponta dos dedos que eu apertei de leve.

— Seja meu amigo!

E desceu como um sylpho, voando sobre as pedras da cascata.

X

TODA a noite tive deslumbramentos n'alma. Que esphinge era essa moça de dezoito annos!

Virgem, que o severo pudor velava, e falando de amor com a franqueza e a calma de quem já d'elle se saciára! Coração puro de paixões e ermo já de esperança!

Seria a congelação precoce do sentimento?

Não! pensava eu. Deve de ser a ingenuidade da innocencia. As rosas de sua alma não podem ter assim murchado na primavera da vida; estão apenas em botão; o que as desmaia é a sombra da infancia ainda, e não o verme do coração — a duvida.

Amava Emilia, sem o saber; comecei a adoral-a.

Que horas encantadas vivi repassando na memoria os seus desdens! Agora eu os comprehendia: elles me revelavão a tormenta de uma paixão nascente, que tolda a manhã da vida, como as tempestades dos primeiros dias do anno. Ella tinha medo de amar-me... Talvez amava-me já, resistindo ainda!...

— Meu Deus! exclamei. Que fiz eu para tanta felicidade!...

Uma circumstancia unicamente me parecia obscura, depois da confidencia de Emilia. Era a maneira por que me tinha recebido a primeira vez depois da minha volta. Era sobre tudo aquelle olhar fulgurante de colera, de tão soberba colera! Não houvera nos seus olhos despeito só ou repulsão; houvera mais que odio, profundo rancor.

Uma vez pedi-lhe a explicação d'esse olhar; ella enrubeceu:

— Não me pergunte isso!... Não lh'o direi nunca!

Dois dias depois da nossa conversa junto á cascata, fui a Matacavallos, onde esperava encontral-a. Ia cheio dos enlevos de tão sonhadas esperanças, inundado da felicidade que borbotava em meu seio... Ia assim, transbordando diluvios de immenso amor, que anceiava por se rojar a seus pés.

E bastou a sua presença para confranger de subito as energicas expansões de minha alma.

Ella respondeu ao meu comprimento com affabilidade, mas... Era a mesma affabilidade que dispensava á turba dos seus adoradores! Quanto achei doce o passado desdem, que ao menos me distinguia!

Emilia mostrava ter completamente esquecido quanto entre nós houvera tres dias antes. Uma vez no correr da noite quiz falar-lhe. Vendo-me aproximar, toda sua pessoa envolveu-se de repente na frieza glacial, que de longe ainda, já

me tinha congelado a palavra nos labios. Essa mulher, cheia de graça e vida, tinha o magico poder de fazer-se marmore, quando queria.

N'essa noite, ella retirou-se mais tarde do que tinha costume. Ao sahir, passou junto de mim sorrindo:

— Não quiz hoje conversar comigo? disse-me com um doce enfado.

Faze idéa do pasmo em que fiquei.

Emilia continuou a ser para mim uma esphinge. Animado por aquella palavra affectuosa tornei-me assiduo junto d'ella; porém encontrava sempre o mesmo acolhimento: gelo na fronte, e sarcasmo no labio. Era quando eu menos esperava, n'algum momento em que nos achavamos sós, que ella vertia sobre mim, n'um olher ou n'uma palavra, a ternura de sua alma. Mas depois quantos amargores, quantos azedumes não me custavão aquellas gotas de mel!

A reunião de que me falára D. Leocadia realizou-se a final. Era o anniversario do Sr. Duarte. A casa do negociante encheu-se pela primeira vez de uma multidão de convidados. A festa começou de manhã e acabou em um baile esplendido ao alvorecer do dia seguinte.

Á noite uma cascata de luz, borbotando dos salões, despenhou-se pelos jardins e alamedas da chacara. Os repuxos de marmore esguichavão rubins e diamantes liquidos. As folhas, que a brisa balouçava, erão n'esse adereço do baile as esmeraldas, tremulando entre ascuas de ouro.

Que magnificencias de luxo, que pompas a

natureza e a arte não derramavão sobre aquella festa nocturna! Um céo abrio-se ali; e a deusa d'elle atravessava com gesto olympio a via lactea dos salões resplandecentes. Seu passo tinha o sereno deslise, que foi o attributo da divindade; ella movia-se como o cysne sobre as aguas, por uma ligeira ondulação das fórmas.

A multidão afastava-se para deixal-a passar sem eclipse, na plenitude de sua belleza. Assim, por entre o esplendido turbilhão, ella assomava como um sorriso; e era realmente o sorriso mimoso d'aquella noite esplendida.

Eu contemplava-a de longe e arredado. Sentia-me triste. O dia inteiro, Emilia, absorvida pela festa, nem sequer notára a minha presença. Esquecia-se de si propria, das homenagens ardentes rendidas á sua belleza, para occupar-se exclusivamente d'essa exhibição de luxo e riqueza, que ella preparára como uma inspiração de artista e poeta, como um painel ou um poema.

Foi só quando o edificio illuminou-se e a orchestra derramou torrentes de harmonia, que Emilia recolheu em si. Sem duvida n'esse momento ella deixou de ser artista para ser mulher. Vi-a algum tempo absorta e isolada em sua alma, no meio da turba de adoradores.

De repente sobresaltou-se; como uma estrella, que se desnubla em noite limpida, começou a scintillar. A quadrilha a chamava. Ella atravessou a sala, semeando sorrisos e enlevos n'alma d'aquella multidão extatica, e desappareceu.

Fiquei onde estava, e sem animo de seguil-a.

Erão onze horas já. Duas vezes tinha-me dirigido á porta para me retirar, e duas vezes achára um pretexto para demorar-me. Emilia passou pelo braço do Dr. Chaves.

— Qual é a contradansa que eu lhe dei? disse-me ella com a maior naturalidade.

Essa palavra maguou-me ainda mais. Eu pensava que Emilia reparasse na minha esquivança, e illudíra-me. Ia desfazer o seu engano, quando ella atalhou-me:

— Ah!... Foi a sexta... É esta!

Depois voltou-se para seu cavalheiro:

— O senhor permitte?...

Deixando o braço do deputado, tomou o meu.

— Creio que a senhora enganou-se, D. Emilia.

— Parece-lhe?... acúdiu sorrindo.

— De certo! Só um engano me podia dar este prazer. Eu não me animava a pedir-lhe uma contradansa.

— Pois eu creio que foi o senhor quem se enganou. Não lhe perguntei qual foi a quadrilha que me pediu, mas sim a que eu lhe dei... embora não me pedisse!

— Ah! perdão!

— Eu devia, respondeu-me séria. Lembre-se! Era uma reparação.

— Embora! Como me podia eu suppôr tão feliz!

— Porque! Por dansar uma contradansa comigo? disse ella rindo. Meu Deus! O que é essa felicidade que os outros achão em cousas tão pequenas e eu...

— E a senhora?...
— E eu ainda não encontrei na minha vida.
— Não diga isso, D. Emilia! A senhora não é feliz?
Tinhamos chegado ao terraço, onde as luzes, brilhando entre as grandes folhas das palmeiras imperiaes agitadas pela briza, fazião sobre o pavimento uma ondulação constante de claros e sombras. Algumas flôres de magnolia exhalavão para nós o seu fresco perfume.
— Não, não sou feliz; disse Emilia, descahindo-lhe a fronte. Nada d'aquillo em que o mundo pensa que está a felicidade, nada me falta; e eu não a tenho, não sei achal-a onde todos a encontrão a cada momento. Ás vezes, quantas!... sinto um que quer que seja, uma ligeira emoção, como um sorriso que vem despontando em minha alma. É talvez a felicidade, digo baixinho; e fico muda e extatica para não perturbar dentro em mim esse debil raio que vai nascendo. Mas de repente some-se tudo, como se um abysmo se abrisse; procuro minha alma n'esse vacuo immenso, e não a sinto!
Emilia falára maviosa e triste; n'esse momento ella pôz os olhos em mim e sorriu.
— Se isto fosse uma enfermidade, o senhor curava-me; mas não é. E quem sabe? Talvez seja!
— Não é uma enfermidade, não; é outra cousa.
— O que? Diga!
— Não será um sonho ainda não realizado?... Uma aspiração vaga e indefinida?

— Póde ser! Não sei! respondeu-me com encantadora ingenuidade.

Meu coração abriu-se de novo á doce esperança, que d'elle se partíra.

Depois d'esse baile, a casa de Duarte recebeu todos os domingos a sociedade que D. Mathilde reunia habitualmente nas quintas feiras. Encontrava-me pois com Emilia dois dias na semana, além das visitas que algumas tardes fazia ao Rio Comprido.

XI

AS vicissitudes de frieza e indifferença, com que Emilia me tratava, não tinhão nada que se parecesse com o jogo bem conhecido das moças loureiras, que desdenhão quem as persegue e procurão quem as foge. Não havia regra nos seus caprichos. Quando ella queria vir a mim, vinha, sem affectação, francamente, estivesse eu perto ou longe, embebido a contemplal-a ou distrahido ao braço de outra moça.

Emilia não tinha rivaes, não me disputava a ninguem; dominava-me na soberania de sua belleza, e attrahia-me ou arredava-me a seu bel prazer, com um senho da sua graciosa magestade.

Eu era para essa moça como um vaso onde ella guardava as essencias de sua alma para mais tarde aspirar-lhes o perfume. Quando chegavão as

horas d'essa affluencia do coração, ella procurava-me para vasal-a em mim: a sua palavra ardente abundava então do labio vivido. Outros dias chegava-se muda e absorta; parecia haver dentro d'ella uma grande solidão, onde seu espirito se perdia.

— Diga-me alguma cousa! murmurava ella. Fale-me... Fale do céo, das nuvens, do mar, do que Deos creou de melhor n'este mundo!...

E eu falava; e ella bebia as minhas palavras, que lhe matavão a sêde d'alma.

Fóra d'esses momentos, em que sua alma sentia uma necessidade irresistivel de expansão ou de absorpção, ella parecia esquecer-me.

Foi por esse tempo que eu tomei uma grande resolução. Afagára sempre a idéa de ter uma pequena chacara onde me refugiasse ás tardes, escapando ao borborinho da cidade.

Aproveitei esse pretexto para aproximar-me de Emilia. Indo visital-a um dia, vi com escritos uma casa pendurada na aba da montanha, perto de sua chacara. D'ali descortinava-se o seu jardim, o terraço e as janellas dos aposentos que ella occupava na face esquerda do edificio. Com um oculo de alcance eu poderia vel-a a cada momento.

Alugada a casa, assaltou-me o receio de desagradar-lhe. Sabia eu se era amado? E quando o fosse já, a imprudencia que ia commetter não assustaria uma affeição nascente?

— Não importa! pensei eu. É um meio decisivo de saber se ella me ama.

Fui vel-a. Estava no jardim com D. Leocadia; brincava com um grande cão da Terra Nova, e parecia sentir um indefinivel prazer em irritar a colera do tranquillo animal. Uma vez corri, pensando que ella ia ser victima da sua imprudencia; o cão irado rosnava, encolhendo o dorso, e rolando a pupilla injectada.

Emilia sorriu; a um gesto de sua mão, o animal foi deitar-se a seus pés, acariciando a fimbria do vestido. Ella atirou-lhe um olhar desdenhoso, e tocando-o com a ponta da botina obrigou-o a afastar-se. Depois voltou-se para mim com uma expressão indefinivel de orgulho repassado de tedio:

— Não tenha receio... Tudo aqui me obedece, até este bruto!... Por mais que o irrite... Não passa d'isso!

Annunciei-lhe a resolução que tomára de approximar-me d'ella; e o fiz tremulo e receioso. Respondeu-me com simplicidade:

— Melhor! Estaremos mais perto! Estimo bem.

— Pois eu receiava que isso lhe desagradasse!

— Por que motivo?

— Já não tem medo?... perguntei-lhe sorrindo.

— Do senhor?... Não!... De mim... talvez.

Emilia tinha d'essas phrases incompletas, proferidas com uma singeleza volubil, das quaes era impossivel comprehender o verdadeiro sentido.

Imagina que delicia forão para mim os dois breves mezes que passei n'aquelle pittoresco retiro do Rio Comprido, onde eu me abrigava to-

das as tardes como no regaço da felicidade. Trabalhava então com enthusiasmo. Os jubilos que vertião de minha alma sobrarião á vida mais prodiga; eu tinha ventura em profusão, que chegaria bem para encher duas existencias. E entretanto não ousára ainda confessar a Emilia o meu amor!

Como as plantas mimosas, a minha ventura só floria na sombra. Era na intimidade e no isolamento que Emilia vertia para mim os perfumes de sua alma. Na sala, apezar de marcar-me com a distincção subtil e delicada que é um tacto do coração, comtudo eu sentia que o seu olhar soberano me confundia na multidão, sobre que ella reinava pela formosura. As noites em que do seu labio altivo fluião ondas de fino sarcasmo, nem a minha submissa admiração achava graça perante ella.

Chegou a vespera de Corpo de Deos. Emilia estava sentada ao meu lado:

— Amanhã não vou á cidade; disse-me ella. Se o dia estiver bonito como o de hoje, pretendo fazer um passeio, que ha muito tempo não faço. Quer acompanhar-me?

— Ia supplicar-lhe esse favor, mas não me animava.

— Iremos até o alto da montanha. Quando eu percorria só essas veredas escarpadas, os rumores da mata, as grandes sombras que oscilião pelas encostas, o ermo da profunda solidão, me fazão scismar, e sentir cousas que eu não comprehendia. Desejava ter ali, perto de mim, alguem

a quem falar; um coração amigo que recolhesse o que transbordava do meu, para m'o restituir depois. Iremos juntos amanhã. Quero ver como sentirei agora, ao seu lado, o que sentia outrora no isolamento de minha alma.

Ás onze horas da manhã eu esperava por Emilia, no lugar que ella me designára na vespera. Era um bosque espesso de bambús, que ficava distante da casa, mas dentro ainda da sua chacara. Para chegar ali, atravessei o mato, que se estendia desde a minha habitação pela encosta da montanha. Tomára o disfarce de caçador, afim de que o nosso encontro parecesse imprevisto.

Instantes depois de chegado, ouvi rugir o palhiço dos bambús que tapetava o chão; Emilia appareceu.

Vinha só.

Confesso-te, Paulo, que eu senti n'esse momento tiritar-me o coração de frio. Apezar do que Emilia me dissera na vespera, o facto de querer ella achar-se a sós comigo n'um ermo, me parecia tão impossivel, estava isso tão fóra dos nossos costumes brasileiros, que eu repellíra semelhante idéa. Acreditava que ella se faria acompanhar de sua criada ao menos, dando-me assim unicamente a liberdade da confidencia, por que eu tanto suspirava.

Entretanto Emilia conservava a mesma serenidade que tinha no salão; ao vel-a parecia que ella praticava o acto o mais natural. Sorria graciosa. Nem um longe rubor no setim da face; nem uma nevoa nos olhos limpidos e calmos.

E ella tinha razão, Paulo, de conservar essa placida confiança.

Havia na sua belleza um matiz de castidade, que a resguardava melhor do que um severo recato. Eu sentia muitas vezes, estando só com ella, a influencia d'essa força mysteriosa, que residia em sua tez mimosa; mas só te poderei explicar o que eu sentia por uma imagem.

Tens reparado na doce pubescencia de que a natureza vestiu certos frutos? Se a nossa mão a alisa, experimenta uma sensação avelludada; se ao contrario a erriça, o tacto é aspero.

Assim era o pudor de Emilia.

Olhos puros e castos podião espreguiçar-se docemente por sua belleza, porque uma serena candidez a avelludava então. Ao mais leve rubor porém, a alma de quem a contemplasse maguava-se na aspereza d'aquella formosura, tão suave ha pouco.

Não era preciso que Emilia dissesse uma palavra ou fizesse um gesto para recalcar no intimo o pensamento ousado que mal despontára. Uma dór intima accusava-me de a ter offendido, antes que eu tivesse a consciencia d'isso.

Nunca se adorou de longe, na pureza de coração, com respeito profundo e um severo recato, como eu adorava Emilia nas horas que tantas vezes passámos a sós, perdidos n'aquella solidão, onde não encontravamos creatura humana.

Avalia do excessivo melindre de Emilia por dois factos que te vou contar.

Um dia, repetindo esse passeio da montanha,

ella quiz atravessar o leito empedrado de um corrego que se precipitava pela fraga escarpada. Seu pé resvallou; ella ia espedaçar-se. Estendi os braços para amparal-a. Repelliu-me com violencia, exclamando irada:

— Deixe-me morrer, mas não me toque!

Outra vez, uma noite de partida, eu dava-lhe o braço. N'uma volta, a minha manga, inadvertidamente, mal roçou-lhe o marmoreo contorno do seio. Ouvi como um debil queixume, que exhalárão seus labios. Voltei-me. Estava hirta e livida, presa de uma rapida vertigem. Aniquilou-me com um olhar de Diana; retirou o braço; deixou-me immovel e pasmo no meio da sala.

Uma semana não me quiz falar. Quando afinal obtive o meu perdão, ainda me lembro do modo estranho por que me recebeu:

— É a segunda vez que lhe tenho odio!

Soltando essa palavra, seu labio tumido parecia sugar d'ella um gozo ignoto. As roseas narinas titillárão, emquanto os olhos velando-se, afogavão n'um fluido luminoso.

N'essa mesma noite, como uma compensação do que a sua severidade me fizera soffrer, concedeu-me uma graça que eu nunca ousára esperar.

Dansava-se. Emilia soffria como sempre a vertigem do baile, que era poderosa em sua organisação.

Apezar da subtileza de beija-flôr com que ella esvoaçava, não deixando as puras azas roçarem pelo mundo torpe, eu tinha ciumes da

graça que esparzia assim para todos. E soffria cruelmente, assistindo aos triumphos da sua belleza.

Ella percebeu, e veiu a mim:

— Porque está triste?

— Porque sou egoista, e não tenho o direito

Emilia sorriu.

— A nossa amizade é uma flôr muito suave para este clima de sala. Não lhe parece?... Por força ha de sentir aqui.

Fazia uma linda noite, sem luar. As copas escuras das arvores nadavão no azul diaphano, borrifado pela doce luz das estrellas.

Emilia recostou-se á janella, e emquanto falava, seus olhos se banhavão na suave limpidez do céo.

— Como está estrellada a noite!... Ali n'aquelle silencio a alma póde abrir-se; não é verdade? Não ha rumor que a assuste, nem esse vapor que abrasa!... Eu gosto da noite!... É mais doce que o dia. É quando eu sinto, quando sei melhor sentir, é á noite; sobretudo nas noites escuras, como esta, em que só ha estrellas! O sol me alegra, como a grande claridade das salas, e me anima. Eu creio que as horas, em que sou mais bonita é ao meio-dia no campo e á meia-noite no baile! Não sabe porque! Tenho bebido muita luz; a luz é um alimento para mim. Mas a hora em que sou mais bonita, não é a hora em que me sinto melhor, acredite! Na sombra sim, conheço que meu coração é bom. Pareço-me com as

flôres. De dia as côres mais vivas; de noite o perfume mais suave!

Eu escutava Emilia, enlevado como sempre que, em nossas conversas intimas, ella fazia scintillar a graça de seu espirito volubil. E se vinhão de envolta alguns raios d'essa fragrancia, que ella chamava perfumes de sua alma, eu os recolhia santamente no coração.

Emquanto ella falava, eu reprimia a respiração para não perturbar a melodia de suas palavras. Se me perguntava alguma cousa, tinha medo de responder-lhe; parecia que minha voz ia dissipar o meu extase.

— As melhores horas da minha vida, vivo-as de noite. É quando Deos me visita. Elle desce nos raios das estrellas, e entra em minha alma, aberta para recebel-o. Tenho-o sentido aqui dentro tantas vezes!... Veiu-me agora um capricho!... Olhe!... Quando essas luzes se apagarem, e todos recolherem, quero gozar d'esta bella noite... Mas ha de ser lá, á sombra d'aquellas jaqueiras, á beira do lago.

As jaqueiras de que falava Emilia, ficavão muito distantes da casa. Insensivelmente movi a cabeça com um gesto de duvida.

— O senhor não acredita?... Pois vá até lá.

— Consente!...

Seu olhar casto pousou em mim, como uma linda criança conchegando-se no regaço materno.

— Á uma hora. Eu o espero.

Que estranha e bizarra creatura, Paulo! Com que desdem ella, fragil menina de dezesete an-

nos, pura como um anjo, calcava aos pés todas as considerações sociaes, todos os prejuizos do mundo! Ella dava-me a maior prova de confiança, e o fazia singela e natural, apenas com uma dignidade meiga de rainha compassiva. Arriscava por mim sua reputação, e nem o mais leve receio lhe perpassava na fronte serena.

Emfim, Emilia dava-me esta entrevista, alta noite, em um ermo, como me convidára para o passeio a Santa Thereza, como me dera a primeira contradansa que dansámos, como me daria uma flôr, um sorriso, um olhar.

E tinha razão.

Não estava ella em qualquer lugar mais protegida pelo seu pudor celeste, do que tantas mulheres desvalidas d'elle no meio de um salão?

XII

ERA uma hora da noite.

Eu esperava Emilia com os olhos fitos na janella de seu quarto, as unicas em toda a casa que ainda apparecião frouxamente esclarecidas.

Já te disse que os aposentos de Emilia, uma alcova, um gabinete de vestir e uma sala de trabalho, occupavão a face esquerda do edificio. D'esse lado o sobrado apoiava-se a uma escarpa da collina, que lhe servíra como de alicerce, e que

para elegancia da construcção, o architecto disfarçára com um terraço.

O gabinete de Emilia abria uma porta para esse terraço. Ali no quadro illuminado pela claridade interior, vi eu de longe desenhar-se seu vulto esbelto. Avançou ate a borda do rochedo escarpado.

— Que vai ella fazer, meu Deus! balbuciei tremulo e frio de susto.

Esquecendo tudo, para só lembrar-me do risco immenso que sua vida corria, fui para soltar um grito de pavor que a suspendesse; mas ella, resvalando pelas pontas erriçadas do rochedo abrupto, já tocava a planicie. Pouco depois estava junto de mim, calma, risonha, sem a menor fadiga.

— Aqui estou! disse afoutamente, abaixando o capuz da longa mantilha.

— Para que arrisca assim a sua vida, D. Emilia? Se eu soubesse... não tinha aceitado!

Ella ergueu os hombros desdenhosamente.

— Ainda estou frio!... Parecia-me a cada momento que o pé lhe faltava e...

— E eu morria!... Se não fosse isso, teria eu vindo? Podiamos ficar onde estavamos, tranquillamente sentados no sofá... Para que serviria a vida, se ella fosse uma cadeia? Viver é gastar, esperdiçar a sua existencia, como uma riqueza que Deus dá para ser prodigalisada. Os que só cuidão de preserval-a dos perigos, esses são os peiores avarentos!

— E quem se priva a si do mais bello sen-

timento, quem se esquiva de amar, não é avaro tambem da vida, avaro de seu coração e das riquezas de sua alma? A senhora o é, D. Emilia! Oh! Não negue!

— Como elle se engana, meu Deus! exclamou Emilia erguendo ao céo os bellos olhos.

— Que diz?... Então posso acreditar emfim?

E murmurei arquejante.

— É verdade que me ama?

Nunca até aquelle momento, durante dois mezes vividos em doce intimidade e no conchego estreito de nossas almas, nunca a palavra amor fôra proferida em referencia a nós. Emilia dava-me, como já sabes, todas as preferencias a que podia aspirar o escolhido de seu coração, e assumíra para comigo o despotismo da mulher amada com paixão. Ella imperava em mim como soberana absoluta. Seu olhar tyrannisava-me, e fazia em minha alma a luz e a tréva.

A fonte de minhas alegrias, como de minhas tristezas, manava de seus labios. Se elles abrião-se, meu coração abria-se tambem, em flôr ou chaga, conforme o sorriso era orvalho ou espinho.

Ella tinha consciencia d'isso, mas persistia em chamar ao sentimento que nos ligava, uma boa e santa amizade. As vezes que eu ousava começar o nome doce e verdadeiro do meu affecto, seu olhar incisivo cortava-me a palavra nascente; a minha culpa era rigorosamente punida com alguns dias de uma indifferença completa.

N'aquella noite, porém, cuidei que era che-

gada a hora da minha ventura. Tudo m'o annunciava. Essa entrevista alta noite, a solidão que nos cercava, os perigos que Emilia affrontára para ir ter comigo, o sereno contentamento derramado por toda sua pessoa, e até a ultima palavra que proferíra invocando a Deus; tudo isto não me dizia bem claro e com a eloquencia sublime das paixões irresistiveis, que ella me amava?

Pois bem, Paulo; ouvindo a minha tremula interrogação, Emilia demorou seu olhar sobre mim, e disse-me com uma placidez esmagadora:

— Não; não o amo!

Depois, como se quizesse abrandar a dureza d'essa declaração, adoçou a voz para accrescentar:

— Não o amo... ainda!

— E nunca me ha de amar!

— Porque?... Escute! Não se agaste comigo. Sou franca; disse-lhe que não o amo ainda, é a verdade. Virei a amal-o algum dia? Só Deus o sabe. Sente-se aqui perto de mim: vou lhe fazer uma confissão.

Ajoelhei-me junto ao banco.

— De joelhos? Mas eu é que devia estar, pois sou eu quem se confessa! disse ella rindo. O senhor me suppõe um coração frio e egoista... avaro de amor, como dizia. É o contrario inteiramente. Devia dizer um coração pobre, miseravel de amor, mas ambicioso, mas devorado pela sêde immensa... Amor! Amor! Não peço eu a Deus todos os dias que me encha d'elle esta alma? Tivesse-o eu, que lhe dera sem hesitar toda a

minha vida, sem guardar para mim nem um instante d'ella! Tivesse eu essa opulencia de meu coração, que então o senhor não me chamaria avara, mas prodiga e louca, porque eu sinto que o seria... Sim, louca, de minha louca paixão!

— Eu julgava que tinha medo de amar. Creio que me disse.

— De amar, não; mas d'essas illusões ephemeras, que murchão o coração. Quero o meu bem vivo, para dal-o todo a quem fôr d'elle senhor. Talvez aquelle a quem o dér o dilacere. Embora! Deve de haver delicias ineffaveis n'esse mesmo supplicio! Depois, que supremo consolo!... Sentir o orgulho de só ter amado uma vez na vida!... Sentir que não restão do primeiro e unico amor senão cinzas do coração extincto.

Esquecido já do desengano que recebêra ha pouco, eu palpitava sob a palavra apaixonada de Emilia, como se fôra o feliz que devesse merecer tão sublime paixão!

— Medo de amar? exclamou ella. Pois saiba que mãi nenhuma espiando o primeiro sorriso nos labios do seu filhinho, teve os estremecimentos de ventura com que eu espreito o primeiro palpite de meu coração. Meu Deus, que jubilo immenso não deve ser o amor, quando a esperança d'elle nos enche assim de contentamento! Foi ha cinco mezes... quando o senhor voltou... Cuidei que ia amar.

— A mim?

— Sim, ao senhor. E desde então interrogo minha alma; escuto-me viver interiormente... Lem-

brei-me até de escrever o que eu sentia. Seria a historia de meu coração. No dia em que elle me dissesse que eu o amava, sem que o senhor me perguntasse, sem o menor acanhamento, lhe confessaria. Acredite!...

— E seu coração até agora nada lhe disse ainda, D. Emilia?...

— Meu coração diz-me que eu o estimo tanto como a meu pai; que o senhor occupa uma grande parte de minha vida; que sua lembrança gravou-se e não se apagará mais nunca em meu pensamento; que as horas que passo a seu lado são as mais doces para mim; que nenhuma voz toca mais suavemente as cordas de minha alma. Eis o que me diz meu coração; mas elle não diz que pelo senhor eu sacrificaria tudo, as considerações do mundo, minha familia, as minhas affeições e os meus sentimentos; elle não diz que o senhor bastaria a minha vida, e a encheria tanto, que não houvesse mais lugar n'ella para outro pensamento e outro desejo. Não diz isto: logo eu não o amo!...

— Mas, D. Emilia, attenda! A senhora illude-se talvez...

— Sei o que pensa. Na sua opinião o amor assim é impossivel! Pois jurolhe!-... eu só amarei assim.

Emilia ergueu-se.

— Ao menos diga-me. Posso ainda ter uma esperança?

— Eu a tenho!... respondeu-me.

Se o mundo soubesse um dia a historia que

eu te conto, Paulo, elle exclamaria sem duvida: «É impossivel! Essa mulher não existiu!»

E o mundo teria razão.

A Emilia, de que eu te falo, não existiu para ninguem mais senão para mim, em quem ella viveu e morreu. A Emilia, que o mundo conhecêra e já esqueceu talvez, foi a moça formosa, que atravessou os salões, como a borboleta, atirando ás turbas o pó dourado de suas azas. A flôr, de que ella buscava o mel, não viçava ali, nem talvez na terra.

Seria flôr do céo?

XIII

HAVIA no tratamento de Emilia uma variação incomprehensivel.

Ás vezes uma ternura suave e compassiva, como se ella quizesse consolar-me por não ser amado; outras vezes parecia que a minha paixão a irritava. Tinha então o coração aspero e a palavra acre; mas era justamente n'essas occasiões de tormenta, que eu via scintillar em seus olhos um raio de amor, e sentia vibrarem as cordas frementes de sua alma.

Uma noite pedi-lhe que não dansasse mais com o Barbosinha; não que eu tivesse ciumes de semelhante fatuo; mas era elle d'esses homens ridiculos cujo contacto mancha uma senhora. Emilia recusou, e eu voltei despeitado. No dia seguinte encontrei-a agastada comigo:

— Não consinto mais que me ame!... disse-me ella voltando as costas.

Poucos instantes depois, passou pelo braço do Barbosinha e lançou-me este desafio:

— Tire-me do braço d'elle, se quizer!...

Emilia tinha sobretudo um zelo excessivo de sua espontaneidade. Receiava ella que a menor graça feita ás minhas supplicas, valesse como uma prova de amor? Quando lhe pedia alguma cousa, mesmo pequena e insignificante, d'essas que a moça a mais austera póde conceder a um indifferente, ella recusava sempre, e com tal firmeza, que me tirava a coragem de insistir.

Se eu me agastava, escarnecia de mim; se me resignava e esquecia sua recusa, vinha espontaneamente com uma singela, mas altiva dignidade, conceder-me alguma prova de affeição, tal que eu nunca me animára a esperar.

Lembro-me de uma vez que, insistindo eu por um botão de rosa que ella tinha nos cabellos, Emilia conservou-o no seu penteado por muitos dias até seccar; como se achasse um prazer infinito em prolongar assim tacitamente a sua recusa. Dias depois, sem que eu lhe pedisse, de improviso, deu-me o seu retrato.

— Guarde-o para lembrar-se de mim!

Depois da noite em que estivemos juntos á borda do lago, Emilia parecia evitar-me. Tinha decorrido uma semana. Erão oito horas da manhã; manhã de inverno, coberta de espessa cerração, que peneirava no ar uma garôa finissima.

Resolvido a não ir á cidade senão mais tarde,

estava eu sentado á janella, d'onde avistava a casa de Duarte. Esperando ver Emilia passar na varanda e cortejar-me de longe, como ás vezes costumava, eu reflectia sem querer sobre esse caracter original de moça.

De repente sou arrancado ás minhas reflexões por uma chuva de bogarins; e ouço perto o gorgeio de um riso melodioso, que os échos de minha alma tanto conhecião. Emilia estava defronte, além da cerca de espinheiros que dividia o meu jardim da sua chacara. Uma capa de cachemira escura cobria-lhe quasi todo o vestido, e o capuz meio erguido moldurava graciosamente seu rosto divino.

O exercicio lhe avivára o saboroso encarnado das faces, onde tremulavão algumas gotas de chuva. Seus olhos negros saltitavão de prazer, como dois colibris voando ao meu encontro. Curvava-se para colher os botões de bogarim que me atirava; e tão suaves erão as flexões d'esse talhe, que apezar das largas roupagens percebia-se a doce vibração do movimento revelado exteriormente por um harmonioso ondulado.

Eu devêra já estar habituado aos caprichos d'essa moça; mas tudo quanto ella fazia era tão desusado, que me levava de sorpresa em sorpresa. Assim correndo ao seu encontro, não achei palavras, mas unicamente sorrisos para acolhel-a.

— Está admirado de me ver aqui? disse ella. Não gosto de ser contrariada, nem mesmo pelo céo. Acordei hoje com uma alegria de passarinho! Tinha saudade das arvores!... Abri a mi-

nha janella; estava chovendo. Ora! Para que se inventarão as capas e os guarda-chuvas? Vi-o de lá pensativo... Em que estava pensando?

— É preciso perguntar-me? Em que penso eu sempre e a todas as horas?

— Em mim?... Pois aqui estou!

— Que imprudencia!...

— Devéras!

— Oh! não me chame de ingrato para a felicidade! Mas se ella deve custar-lhe o menor dissabor!... não a quero! Podia alguem vel-a!...

— Eu não me escondo!... respondeu Emilia com altivez.

Depois velando-se de subita melancholia, acrescentou com um sorriso:

— Não tenha cuidado. Eu sou rica; não me comprometto.

— Que significão essas palavras, D. Emilia?

— Vamos nós agora discutir aqui, de um e outro lado da cerca?... atalhou ella rindo francamente. Já não me lembra o que disse! Mas com effeito, o senhor é bem pouco amavel! Nem sequer ainda me convidou para entrar!

— Eu não me animava!

— Foi bom então que me animasse eu, do contrario ficariamos aqui, á chuva! Está bem! Faça-me o favor de abaixar a cabeça.

Tirou o seu lenço, e vendou-me com elle.

Depois calcando a mão sobre o meu hombro, percebi que ella saltava a cerca. Creio que sua botina resvalando pelos galhos humidos do es-

pinheiro lhe trahiu o elance, porque senti no meu peito a doce pressão de seu talhe.

Repelliu-me logo. Ouvindo o ai que soltárão seus labios, arranquei o lenço arrebatadamente, e sorprendi seu olhar... Que olhar, meu Deus!... A voragem de uma alma revolta pela paixão, e abrindo-se para tragar a victima.

Mas foi tão instantaneo, que eu não posso affirmar que vi. Já ella se tinha afastado bruscamente dilacerando entre os dedos os renovos das plantas, que sua mão tremula encontrava na passagem. O capuz lhe descêra, deixando a cabeça exposta á chuva e á briza cortante.

Depois de algumas voltas pelo jardim voltou calma, serena e risonha; dirigiu-se á porta, indicando-me com um aceno gracioso que a seguisse. Na sala de jantar onde entrámos, estava uma cafeteira; ella encheu uma chicara e bebeu dois ou tres goles frios e sem assucar.

— Ah! Aqui é o gabinete, onde se estuda! disse parando no limiar. Póde-se entrar?

Eu tinha vergonha da minha modesta habitação, que não era digna d'aquella honra. Confuso, acompanhava quasi como um automato a ella, que vagava de um para outro lado, naturalmente, sem o menor vexame. Meu gabinete de trabalho era n'esse tempo muito pobre; o que havia de melhor estava na cidade. Emilia correu a estante com os olhos, lendo o titulo das poucas obras literarias, com esse tom affectuoso com que saudamos antigos amigos.

— O senhor nunca fez versos?

— Quem é que os não fez aos dezoito annos?

— Eu!... Tenho dezoito annos e nunca fiz um só.

— Inspira-os, que é o melhor.

— Obrigada! Já lhe inspirei alguns?

— A senhora... D. Emilia?...

— A senhora... Porque não me chama Mila? É como me tratão os que me querem bem.

— E Mila chamará Augusto?

— Está entendido! Não é como lhe chamão seus amigos?

— Meus amigos me tratão por tu; disse eu sorrindo.

— Isso não! Quando eu disser tu, é porque não existe mais *eu* em mim. Porém responda! Já lhe inspirei algum verso?...

— Quantos, meu Deus!

— Mostre-me! Quero ver!

— Mas eu não escrevi! Para que? Elles não dirião tudo que eu sinto.

— Pois agora ha de escrevel-os para mim: sim, Augusto?

— Não, Mila. Eu já não sei, ou antes nunca sube fazer versos. Quando se começa a vida, sente-se essa velleidade; é natural. É o tempo das flôres, dos sorrisos e dos cantos. Isso passa.

— Mas porque não ha de escrever ainda? Se não quer ser poeta, seja escritor. Não tem ambições? Não ama a gloria?

— Amo; a gloria da minha profissão, a unica a que devo e posso hoje aspirar. É uma gloria

obscura e desconhecida, bem sei. Nossos triumphos, não os obtemos na praça ou no theatro, diante da multidão que applaude; mas lá, no recondito de uma casa, no aposento silencioso, onde geme a creatura. Só Deus os contempla, só elle os recompensa. O mundo e aquelles mesmos a quem salvamos, nos pagão, mas nem nos agradecem ás vezes. Foi a natureza, dizem elles. Mas os revezes, esses pesão sobre nós. É uma gloria amarga, Emilia, a que me coube em partilha.

— Quem o impede de aspirar a outras?

— A minha consciencia. Quando me dediquei á medicina não busquei só um meio de vida, votei-me a um sacerdocio. Sinto que a minha aptidão é essa; fugir a ella fôra mentir á minha missão n'este mundo.

— Tem razão! A verdadeira gloria deve de ser essa; fazer o bem. Eu é que sou uma louca! Mas já gostava da medicina; agora vou gostar ainda mais.

E para confirmar seu dito, Emilia começou a examinar os instrumentos e livros com uma travessura infantil, roçando por elles de leve a ponta dos dedos, como se os acariciasse. O acaso deparou-lhe um atlas de anatomia; pousando então a ponta da unha rosada sobre o titulo, voltou-se para mim sorrindo:

— Quero ver o coração! Onde está?

E afastou-se emquanto eu folheava o atlas para mostrar-lhe a estampa que ella pedira. Esteve a olhar muito tempo; afinal murmurou:

— Quando eu morrer, Augusto, ha de examinar o meu... Para ver se é differente!

— Que idéa!... Deixe isso, Mila! retorqui fechando os livros e instrumentos nos armarios. Sinto não ter em minha casa objectos mais alegres para distrahil-a. A minha profissão é triste, já lhe disse, bem triste! Vive das miserias do proximo. Suas alegrias são sempre travadas de dôres!... Afinal nos habituamos. Mas emquanto não chega essa indifferença, que duvidas! E quando chega, que aridez! Por isso, Emilia, eu sinto a necessidade de um santo amor, que me proteja contra a descrença, e me preserve a alma d'esse terrivel contagio do materialismo.

Emilia me ouvíra commovida. Ergueu-me a fronte, para que eu recebesse o meigo sorriso, cheio de ternura, que ella me queria embeber n'alma.

— O que lhe disse eu n'aquella noite?... Espere! Talvez não espere muito tempo!

Envolvendo-se na sua capa, fugiu por entre as arvores.

Depois d'essas mutuas expansões e das nossas entrevistas solitarias, depois sobretudo da promessa que ella me fizera partindo, parecia natural que eu fosse crescendo na affeição de Emilia; porém esta moça era cada vez mais incomprehensivel. Os dias que seguirão tratou-me com bastante frieza: e uma tarde com desdem até.

Achei-a lendo uma folha de pequeno papel bordado que me pareceu carta: pensei que fosse da prima. Ella nem ergueu os olhos para compri-

mentar-me; e respondeu com uma simples inclinação da fronte. Sentei-me; dirigi-lhe por vezes a palavra sem obter mais resposta que um sim ou não: afinal conhecendo que ella estava preoccupada, esperei calado pelo seu bel prazer.

Emilia leu e releu, talvez já esquecida da minha presença; dobrando o papel, que metteu no bolso, começou a passear pela sala, visivelmente distrahida. Por momentos soltava debeis modulações de alguma aria; depois fugia-lhe pelos labios um sorriso mysterioso, d'esses que se sorriem sem consciencia, verdadeiras esphinges d'alma.

Não me pude mais conter:

— Adeus, D. Emilia. Vejo que minha presença começa a incommodal-a: é tempo de tornal-a mais rara e menos importuna.

— Ah! Já cansou de esperar? respondeu com um ligeiro riso de mofa.

— Já perdi a esperança, confesso-lhe. Já; porque emfim comprehendo o que se passa em seu espirito.

— Queria que me dissesse isso! Ficaria sabendo.

— Dir-lhe-hei; porque não? A senhora é de uma bondade extrema e cuida que eu tenho direito á sua gratidão. Conheceu que eu a amava, que esse amor era minha felicidade e minha vida. Pareceu-lhe que recusar-me em troca sua affeição, era o mesmo que recusal-a a um pai, a um irmão. Quiz amar-me, porque é boa; fez todo o possivel para isso, mas debalde... O amor nasce

de si mesmo, de repente, sem que o ssupeitem. Se elle viesse quando o chamamos e desapparecesse á vontade, não era o que é, uma fatalidade. Illudiu-se, D. Emilia. O homem a quem ha de amar, a senhora não o conhece, nem o viu talvez. Quando apparecer, não lhe dará tempo de interrogar-se. Seu coração palpitará por si mesmo, e a senhora sentirá que ama, sem saber como, nem quando começou a amar!

— Talvez isso seja verdade para outras; para mim asseguro-lhe que não. O amor, como eu sonho e espero, ha de ser a minha vida inteira: portanto parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecel-o antes de entregar-me a elle sem reserva e para todo o sempre.

— É outra illusão sua! O amor tem a crença ingenua da eternidade; quem o sente acredita sinceramente que elle não se extinguirá nunca. Eu não tive a felicidade de lhe insdirar essa fé sublime; portanto que esperança posso ter? O melhor talvez fosse retirar-me, porque á força de querer violentar seu coração, Emilia, talvez acabe odiando-me!...

— Odiando-o?... exclamou Emilia assustada. Como lhe veiu semelhante pensamento?

— Não me disse já uma vez?

— Cale-se! atalhou ella com inexplicavel pavôr.

Emilia ficou algum tempo muda e pallida, absorta na estranha emoção.

— Augusto!... disse-me ella afinal, e com terna melancholia. Não tem razão. Quem me fez

acreditar no amor? Quem me deu a fé e a esperança n'elle?... Lembro-me! Antes de conhecel-o, eu duvidava.

Essa palavra e um sorriso bastárão para serenar minha alma.

XIV

HAVIA grande reunião em Matacavallos.

Tinha visto Emilia de relance. Ella soffria já a ebriedade das luzes, da musica e dos perfumes, que a dominava sempre em pleno salão. N'esses momentos havia em toda a sua pessoa, na attitude e nos movimentos, anhelos impetuosos. Parecia provocar as emoções. Seus labios aspiravão então com avidez o ambiente do baile.

Mas seu pudor susceptivel não a abandonava nunca. Ella atravessava a multidão agitada, como a borboleta que enreda o vôo por entre as ramagens do rosal, sem ferir nos espinhos a ponta das azas subtís. O que a protegia na confusão, não era tanto o rapido olhar como um setimo sentido, que só ella possuia uma especie de previsão dos objectos que se aproximavão.

Comtudo, eu soffria muito vendo Emilia assim esquecida de mim e engolphada nos prazeres que outros partilhavão. Essas horas do baile erão meu lento supplicio. Algumas vezes, bem como n'essa noite, eu evocava debalde as recordações dos dias

passados, debalde me accusava de egoista; o ciume afinal me vencia.

Foi já quando o coração me desfallecia, que ella pela primeira vez veiu aonde eu estava.

Notei sua grande pallidez. O seio arfava precipitadamente. A fadiga ou a emoção lhe havia humedecido a fronte. Seus olhos tinhão um brilho vitreo que incommodava.

— O baile já a fatigou?... Muito depressa!... disse-lhe, com o riso amargo.

— Quasi não dansei!... Mas não sei o que sinto!... Não me acha muito pallida?

— Ha de ser o calor!... Esta sala é muito abafada!

— O calor? Se eu tenho frio... frio n'alma!... É a febre que vem!... murmurou com um riso singular.

N'essa occasião o Dr. Chaves aproximou-se para offerecer-lhe o braço.

Has de te lembrar d'elle, Paulo. É um brilhante talento de orador, que se revelou de repente na camara por alguns triumphos bem notaveis. Moço ainda, elegante, com uma physionomia expressiva e o reflexo de suas glorias politicas, elle triumphava no salão, como na tribuna.

Antes de aceitar-lhe o braço, Emilia me disse a meia voz, com um tom supplicante:

— Não fique tão longe de mim!... Eu lhe peço!

Segui-a por algum tempo; mas quando a vi suspensa á palavra seductora de seu par, emba-

lando-se docemente á musica das phrases talvez apaixonadas que elle lhe dirigia, tive a coragem de arrancar-me a esse martyrio. Refugiei-me no jardim.

Havia ali encostados á varanda, e nos intervallos das sacadas, uns bancos de pedra cobertos por doceis de uma trepadeira qualquer. Nos dias de baile, D. Mathilde fazia illuminar essa arcaria de verdura, que dava á casa um aspecto campestre.

Fumava sentado n'um d'esses bancos. De repente ouço a voz de Emilia. Ella se recostára á janella proxima, e continuava com seu par uma conversa animada. A folhagem espessa me escondia aos olhos de ambos; porém eu os via perfeitamente no quadro illuminado da janella.

— Tudo isto, doutor, não é mais do que um d'esses bonitos discursos, de que o senhor tem o talento admiravel...

— Então não me acredita? disse o Dr. Chaves.

— Não posso!... Em uma vida como a sua, tão cheia de glorias e ambições, o que resta para o amor!... As horas perdidas do baile!... Confesse!...

— Mas a senhora não sabe então, D. Emilia, que estes curtos instantes em que a vejo, são os unicos que vivo? O resto, o tempo que sobra á minha tão rapida felicidade, trabalho com enthusiasmo, é verdade! Mas porque? Porque trabalhar, para mim, é amar ainda, é elevar-me do pó, afim de poder erguer os olhos para o

céo sem offendel-o! Eu não era ambicioso, não! Foi o amor que me deu esta sêde de poder. Os meus mais bellos triumphos, acredite-me, senhora, não os sinto quando os alcanço, mas quando venho depol-os submisso a seus pés. A minha gloria é essa unicamente, fazer de quanto o mundo respeita e acata, a humildade de meu amor!...

Emilia escutava enlevada. Ás vezes o orgulho vibrava sua fronte nobre com um gesto divino. Oh que tyrannica belleza é a d'essa mulher, que até mesmo quando eu a desprezo, me força a admiral-a!

Quando a voz que a raptava emmudeceu, ella ficou suspensa um instante. Depois fitou os olhos no Chaves.

— E se eu exigisse, o senhor teria a coragem de sacrificar tudo a um capricho meu?

— Ordene!

— Não tenho esse direito; respondeu sorrindo. Se o tivesse... não seria assim egoista. Quizera ao contrario partilhar com o mundo inteiro os seus triumphos!

— Mas esse direito... lhe pertence! Tome-o. Eu lhe supplico!

— Não me sinto com forças.

— Sempre essa cruel palavra!

Como eu soffria, Paulo!... Mas não! Soffri depois, ainda agora soffro. N'aquelle instante, nada, nada absolutamente! O que a revelação cruel produziu então em mim, não foi nem dôr, nem indignação, mas um estupor d'alma! Eu ali fiquei, no idiotismo das minhas emoções.

O dialogo do Dr. Chaves fôra interrompido pela aproximação do Alvares, que vinha buscar Emilia para a promettida quadrilha. O deputado teve de ceder o lugar.

Depois de um curto silencio, durante o qual o jovem poeta esteve sob a influencia do olhar soberano de Emilia, elle animou-se a falar-lhe em voz submissa:

— D. Emilia... A senhora leu os meus versos?

— Li; disse ella. São muitos bonitos, mas não são verdadeiros.

— Tem razão! Não dizem nem a sombra do que sinto! Mas sou eu o culpado? O verbo divino do meu amor, não ha na linguagem dos homens palavra que o exprima!

— Não por certo! Não é possivel exprimir o que não se comprehende.

— Oh! D. Emilia!

— Oh! Os poetas! Eu os conheço! O que elles amão n'este mundo é unicamente sua propria imaginação, o ideal sonhado: todos têm sua Galathéa; e nós não somos para elles senão estatuas, que os seus versos devem animar, como centelhas do fogo sagrado!

— Se a senhora tivesse lido a poesia que eu hontem escrevi, não pensaria assim, D. Emilia!

— Dê-me! Quero vel-a!

— Não a trouxe!

— Procure bem! disse Emilia sorrindo.

O Alvares tirou com effeito do bolso um pequeno papel dobrado; mas com a faceirice dos

escritores, recusou entregal-o, quando Emilia estendia a mão para recebel-o.

O movimento vivo que elle fez soltou-lhe d'entre os dedos o papel, que veíu cahir no jardim.

Ella riu e afastou-se exclamando:

— Bem feito!

O Alvares correu á porta da varanda, mas chegou tarde. Não sei que instincto da minha então embrutecida natureza, me fez precipitar ligeiro sobre o papel, como féra sobre a presa.

Fui esconder-me no fim do jardim, e ali passei uma hora palpando aquelle papel avelludado, com o sentimento do suicida tacteando o punhal que o deve immolar. Nem mais me lembrava do que se passára com o Chaves. A primeira dôr envelhecêra já.

Quando me suppuz calmo e senhor de mim, voltei á sala.

Do primeiro olhar, vi Emilia sentada na outra extremidade, sempre bella e resplandecente; mais por certo que nunca, pois n'esse instante eu a admirava com olhos de maldição. Recostado ao humbral da porta, estava um homem, que a devorava com a vista, esperando impaciente a opportunidade para falar-lhe. Era o tenente Veiga, de quem já te falei.

— Ainda outro, meu Deus! soluçou minha alma agonisante.

Julga do meu soffrimento, Paulo, pela vileza a que me arrastava o desespero. Acabava de roubar um papel que me não pertencia; não era bastante; fiz-me espião. Dei volta pela varanda

de modo a aproximar-me da porta sem que os dois me presentissem. Não cheguei já a tempo de ouvir, mas vi...

Emilia desprendêra uma violeta de seu ramo e deixara-a cahir aos pés intencionalmente: o official curvou-se, apanhou rapido a flôr, que beijou e prendeu com orgulho ao peito da farda ornada de condecorações.

Tudo isto fôra feito com tão delicado disfarce, que ninguem mais na sala o viu, nem suspeitou.

Vaguei pelo salão conversando com um e outro, comprimentando algumas senhoras de meu conhecimento, procurando assim gastar ao attrito dos indifferentes as emoções dolorosas que me pungião. Depois sentei-me á meza de jogo.

Chegou finalmente a quadrilha que eu devia dansar com Emilia, a sexta, se não me engano. Uma das finezas que ella me fazia n'esse tempo, era não dansar mais em um baile, depois de ter dansado comigo; por isso me reservava sempre a ultima de suas quadrilhas.

— Como o senhor está pallido, meu Deus! exclamou ella tomando-me o braço.

— Não; ha de ser o effeito das luzes sobre este papel escarlate; respondi sorrindo. E o seu accesso? Já passou?

— Que accesso? perguntou sorpresa.

— Não disse ha pouco... que tinha febre n'alma?

— Ah!... Sim! Já passou! replicou sorrindo. O senhor é tão bom médico de minha alma que bastou sua lembrança para curar-me.

— Então lembrou-se de mim?

— Que remedio, senão lembrar-me? Procurei-o tantas vezes com os olhos, e não o vi!... Onde esteve o senhor todo este tempo?

— Pois devéras reparou em minha ausencia D. Emilia? Juraria, o contrario!

— Jurava falso! Se não fosse verdade, porque lh'o diria?

— Quem sabe?

— Quem melhor do que o senhor!

A voz de Emilia n'essa conversa era doce e meiga. Seu olhar macio acariciava-me com delicias. Em toda sua pessoa derramava-se um celeste effluvio de ternura, que manava de sua alma, e rorejava a flôr nativa de sua ingenua altivez. Nunca eu a vira assim maviosa, nem mesmo nas horas em que estavamos sós.

— E não me quer dizer onde esteve? perguntou de novo com branda queixa.

— Estive jogando.

— O senhor?... o senhor que aborrece o jogo? Que lembrança foi esta?

— Aborreço o jogo, é verdade! É de todos os vicios o que mais revolve os instinctos máus. Porém ás vezes é necessario. Os venenos tambem são remedios... perigosos, sim... Quando não curão, matão.

— Queria esquecer-me! disse Emilia com terna exprobação. Ingrato!... Quando minha alma o chamava!...

Esta palavra exacerbou-me o coração:

— Para que, D. Emilia? Para que me cha-

mava a senhora? Não tenho nem posição brilhante, nem gloria, nem talento, para depor a seus pés. O meu amor?... Esse fôra um mesquinho triumpho para quem alcança os mais brilhantes. Um amor banal... Mas perdão! Não devo mais profanar o meu sentimento com esse nome. Chamarei amizade como a senhora. Não me disse uma noite, por outras palavras, que a minha affeição era uma flôr muito modesta para se fazer d'ella ramalhetes e grinaldas de baile?... Tinha razão!... No campo, por desfastio, em algum dia monotono, póde excitar a curiosidade. Não lhe parece?... Assim foi melhor que eu me conservasse longe; devia mesmo não voltar. Tenho receio de envergonhal-a com uma paixão ridicula!

Emilia cravára em mim seu olhar intelligente e soberano, que me traspassou a alma todo o tempo que eu levei a proferir estas palavras. Havia n'esse olhar, de uma fixidade importuna, arrogancia e curiosidade ao mesmo tempo. Ella parecia querer recalcar-me no coração minha palavra sarcastica, e ao mesmo tempo arrancar d'ali o segredo da subita mudança operada em mim.

Depois de uma pausa começou com a palavra triste e lenta:

—Não me fale assim! Eu tenho, o senhor bem sabe, um espinho em minha alma; é o orgulho. Quando tocão n'elle o fel se derrama, e eu me sinto má!... Não quero responder-lhe. Posso dizer-lhe alguma palavra dura e magual-o... Depois soffreremos ambos. Não é melhor a franqueza, do que estarmos aqui como duas crianças a fe-

rir-nos com pontas de alfinetes, que podem entrar no coração? O senhor tem alguma cousa que o afflige e que eu ignoro. Fale!

Emilia deu á sua voz uma terna inflexão para pronunciar estas ultimas palavras:

— Se eu o offendi, Augusto, accuse-me! Não será a primeira vez que lhe peça perdão!

Eu sentia, aos sons maviosos d'essa voz celeste, meu coração hirto embrandecer-se como uma cêra; mas de repente o toque do papel que eu tinha no bolso o enregelou.

— Não posso falar aqui; respondi tremulo. Não estamos sós.

— Pois ámanhã; me disse Emilia. Ás sete horas, junto aos bambús.

Estimei essa demora; n'aquelle momento, tão proximo ainda da amarga decepção, sentia que não poderia ter a dignidade da minha dôr.

XV

AO nascer do sol, já eu esperava Emilia. Que longa noite!

Soffria horrivelmente, mas como um enfermo desacordado. O estupor do espirito, que me fulminou ouvindo a cruel revelação, continuava. Não podia comprehender Emilia, o anjo do celeste pudor, a altiva rainha das minhas adorações, transformada de subito n'uma desprezivel namoradeira de sala.

Havia momentos, em que eu achava dentro em mim a imagem de duas Emilias, uma para o meu desprezo, outra para o meu amor. E minha alma, ora exaltava-se em seu orgulho para cuspir a bava da indignação ás faces d'aquella, ora ajoelhava humilde e dolente para chorar seu infortunio aos pés desta.

Passára uma parte da noite a reler os versos do Alvares; ainda os tenho de côr apezar dos esforços que faço para esquecel-os. Elles por ahi correm n'um volume de poesias, recentemente publicado por esse moço. Tem por epigraphe — *A ella*.

Quando o sol espalhou as trévas, não sei que serenidade derramou-se em meu seio. Era talvez a saciedade do soffrimento.

Emilia veiu meiga e serena, como a tinha deixado na vespera. O baile, longe de fatigar, repousava sempre essa incomprehensivel creatura. Havia no sorriso dos labios, no setim das faces e na irradiação do olhar, o primor de virgindade que têm as flores recentemente desabrochadas. Quem visse essas limpidas auroras de sua belleza, julgaria que ella acabava de nascer moça, ao despontar do sol, como as rosas e as borboletas. Tal era o frescor, e o viço da sua formosura.

Quando a percebi de longe, senti que o meu coração exhauria-se; a indignação que o enchêra até aquelle momento fugiu d'elle. Temia que o primeiro olhar de Emilia dissipasse a minha colera, e que sua primeira palavra me curvasse a seus pés humilhado ainda por um amor indigno.

— D. Emilia, disse-lhe eu, receio offendel-a... Talvez o melhor fosse calar-me.

— O que mais me póde offender de sua parte é o silencio, quando o senhor tem um resentimento de mim. Fale, não tenha receio. Bem vê que eu estou tranquilla.

— Pois então ouça-me e desculpe. Sem duvida a senhora julgará pouco nobre meu procedimento, sorprendendo um segredo alheio; mas lembre-se que eu a amava!... E a amava tanto, que tive a coragem de aviltar-me ao meu amor. Sinto este orgulho!

Pela primeira vez, Emilia pareceu sorpresa:

— Não comprehendo! Que fez o senhor?

Mostrei-lhe os versos e contei-lhe tudo quanto soubera na vespera, durante o baile; timido e balbuciante a principio, ia-me reanimando á medida que a evocação d'aquellas crueis recordações maguava minha alma ulcerada; o desespero prorompeu a final.

Emilia me ouvíra impassivel.

— Bem vê que eu sei tudo, D. Emilia!

Ella não me respondeu.

— Ouviria eu mal? Não comprehenderia as suas palavras?

— Ora! O senhor é tão perspicaz!

— Assim não me illudi? Esses homens a amão, e a senhora lhes corresponde?

— O senhor o diz!.

— Meu Deus! Mas a senhora não sabe que nome tem isso?...

Emilia ergueu-se de um impeto. Seus olhos

tinhão raios lividos, e sua fronte um luzimento de marmore.

— O nome?... Exclamou ella. O nome que isso tem? Eu lhe digo! É a indifferença... Não! É o desprezo, que me inspirão todas estas paixões ridiculas que tenho encontrado em meu caminho! Ah! Pensa que amo a algum d'elles? Tanto como ao senhor!... O amor, eu bem o procuro, mas não o acho. Ninguem ainda m'o soube inspirar. Meu coração está virgem! Tenho eu a culpa?... Oh! Que ente injusto e egoista que é o homem! Quando nos ama, dá-nos apenas os sobejos de suas paixões e as ruinas de sua alma; e entretanto julga-se com direito a exigir de nós um coração não só puro, mas tambem ignorante! Devemos amal-os sem saber ainda o que é o amor; a elles compete ensinar-nos... educar a mulher... como dizem em seu orgulho! E ai da miseria escrava que mais tarde conheceu que não amava!... Seu senhor é inexoravel e não perdôa!... Basta-lhe um aceno, e a multidão apedreja!

Eu assistia, deslumbrado, ás erupções que produzia o orgulho offendido n'aquella alma intelligente. Emilia parou um instante para respirar; e a palavra sarcastica frisou outra vez seu labio mimoso:

— Os homens... Felizmente aprendi cedo a conhecel-os, e os desprezo a todos; os desprezo, sim, com indignação do amor immenso que eu sinto em mim, e que nem um d'elles merece!... Cuida o senhor que é a minha vaidade que me

arrasta pelas salas, como tantas mulheres, pelo prazer de se verem admiradas e ouvirem elogios a sua belleza?... Oh! não, meu Deus!... Vós sabeis quanta humilhação tenho tragado, eu que tenho o orgulho de merecer um nobre amor, vendo-me objecto de paixões mentidas e interesseiras!...

— Refere-se a mim, D. Emilia?...

— Ao senhor?... se eu tivesse um tal pensamento a seu respeito, julga que esperaria tanto tempo para lh'o declarar? Os outros têm o direito de mentir-me porque me são indifferentes... O senhor, a quem eu dei minha amizade e confiança, não!... Seria uma indignidade!... Os outros podem me fazer a vida amarga e triste sem que eu me queixe. Mas o senhor...

— D. Emilia!... balbuciei commovido.

— Não me queixo, não; nem preciso que me consolem! exclamou arrebatada. Para que? O que eu soffro agora, Deus m'o levará em conta para o meu amor, quando eu amar um dia, na terra ou no céo.

Emilia afastou-se: e eu a segui involuntariamente. Esperei debalde que voltasse o rosto; por fim a chamei; ella parou.

— Ao menos, D. Emilia, não consinta mais que esses homens lhe falem de sua paixão. Promette-me?

— Não, senhor!

— Bem!

— Se me quer amar como eu sou, com os meus caprichos...

— Não posso!

— Tem razão! É melhor assim! respondeu sorrindo.

— Então adeus, D. Emilia!

Ella derramou sobre mim n'um só olhar todo o seu desdem, dizendo com voz pausada:

— E me tinha amor!... Pois eu, se o amasse, me desprezasse o senhor embora, eu o acompanharia até aos pés da minha rival para supplicar-lhe as migalhas de seu amor! Eu, sim! Mas felizmente para nós ambos, não o amo, e creio agora que não o amarei nunca!

Desatando o passo augusto, deixou-me sepultado n'aquelle desengano cruel.

Não me retirei completamente da casa de Duarte; porém as minhas visitas a pouco e pouco forão sendo mais raras. Era outra vez em casa de D. Mathilde que eu me encontrava agora mais frequentemente com Emilia.

Ella, ou de proposito, ou porque não tivesse mais reservas a guardar comigo, atirou-se com soffreguidão aos cortejos de sala. Todas as noites a cercava a grande roda dos seus apaixonados, aos quaes ella de repente despedia com um gesto ou uma palavra, para attrahir novos, que erão logo substituidos.

Eu soffria, assistindo, a essa profanação de meu bello ideal, um supplicio cruel. Era meu amor que a pouco e pouco se despegava do coração, arrancando-lhe as fibras e escalpellando-o. Quando esse amor fugir de todo, o que me restará de coração? Uma ulcera apenas!...

Julinha me comprehendêra e me consolava. A boa menina, vendo-me infeliz, começou ingenuamente a amar-me, mas sem consciencia e sem egoismo, unicamente por uma força invencivel de sua extrema sensibilidade. Cheguei a illudir-me; pensei que tambem amava essa menina, mas o que eu amei em Julinha, foi só o que vinha de Emilia, o que ella conversava comigo a respeito de sua prima.

—Não se afflija! Mila gosta do senhor, eu sei! dizia-me Julinha.

— Ella confessou-lhe alguma vez?

— Não; ella nunca me fez confidencias; mas eu a conheço muito!

— Gosta de mim, como d'aquelles que a cercão n'este momento. Olhe!...

— Não acredite! Zomba de todos elles.

Emilia viu a minha assiduidade junto á prima. Mas percebeu ella o que se passava em mim, apezar dos meus esforços para simular indifferença?

Não sei.

Uma noite aproximou-se para dizer-me com um sorriso ameno:

— Os seus novos amores não tolerão nem mesmo as antigas amizades?

Confesso-te a minha vergonha, Paulo. Nunca o imperio d'essa mulher sobre mim foi tão tyrannico como n'esse tempo em que me violentava para arrancar minha alma á sua funesta influencia.

Emilia tinha seducções tão poderosas, que era

impossivel resistir. Eu chegava; vinha com uma resolução firme de mostrar-lhe a minha completa indifferença, e fazel-a acreditar que realmente amava Julinha.

Pois quando estava mais entregue a esse jogo do coração, e á força de falar de amor, eu me atordoava a ponto de suppôr que o sentia pela filha de D. Mathilde; pois justamente n'essa occasião, Emilia, não sei como, arrancava-me de perto da prima e arrastava-me a seus pés.

Bastava-lhe para isso um nada, um sorriso, uma doce inflexão de seu collo, um gesto gracioso da mão afilada brincando com um annel dos cabellos ou com uma fita do vestido.

Oh! Essa mão gentil, quando ella a despia da luva, tinha uma alma; movia-se em torno de sua belleza, como um anjo que descêra do céo para acaricial-a. Aos toques suaves dos dedos magicos parecia que sua lindeza debuxava-se mais brilhante.

E eu ficava sem palavra e sem movimento, todo olhar a contemplal-a de longe.

Afinal, quando ella me via assim alheio de mim e captivo de sua graça, chamava-me com uma imperceptivel vibração da fronte.

De ordinario, vendo-me chegar obediente, se demudava por tal fórma, que estupidava-me; era então fria e glacial, como uma estatua de gelo. Já não me via, nem me ouvia: eu voltava tragando em silencio a minha vergonha.

Outras vezes, não: recebia-me risonha e amavel.

— Julinha está zangada! Vá dansar com ella! dizia-me então.

Emfim, Paulo, essa mulher escarnecia de mim, a fazer pena. Tratava-me como ao cão da Terra Nova que havia em sua chacara, e com o qual a víra tantas vezes brincar. Enxotava-me com a ponta do pé, para ter o prazer de me fazer voltar, lambendo o chão por onde ella passava.

E eu vivia, espremendo em minha alma o fel d'essas humilhações a ver se irritava ahi a dignidade abatida.

XVI

TINHA cahido n'uma tal prostração de animo, que Emilia se commiserou de mim.

Uma noite veiu sentar-se a meu lado, e seu olhar envolveu-me d'aquella ternura compassiva e protectora, que dava á sua virgem belleza um perfume de ideal maternidade.

— Como eu o tenho feito soffrer, não é verdade? me disse ella compungida. Tambem eu soffro. Que natureza é a minha! Parece que tenho prazer em me contrariar e affligir a mim mesma. Mas não me queira mal, Augusto. Eu lhe prometto ser outra d'aqui em diante; o que perturbou nossa amizade não succederá nunca mais.

— Devéras!... Promette repellir os seus adoradores!

— Eu os afastarei tanto de mim, que nem a sombra d'elles se possa interpôr entre nós.

— Obrigado, D. Emilia! Obrigado pela senhora, unicamente; não por mim.

— Então isso lhe é indifferente.

— Vem tarde! O mal está feito.

Emilia teve um dos seus gestos de rainha.

— Ah! se eu houvesse profanado a minha alma n'esses arremedos de amor com que as moças se divertem antes de casar; se eu estivesse em meu quarto ou quinto namoro, quando o senhor me conheceu, talvez me julgasse digna de sua affeição. Mas eu, que procuro preservar minha alma d'essa profanação, mostrando-lhe ao vivo o egoismo, a cupidez e a baixeza que escondem as paixões improvisadas n'uma noite de baile e calculadas friamente no dia seguinte. Eu, que me guard para aquelle a quem amar, virgem de amor e immaculada... Sim! immaculada até dos olhares que resvalão sem penetrar-me!... Eu, não sou digna de sua estima, Augusto! Para mim, é tarde!

— Perdão, Mila!... Eu sou um insensato! Mas meu amor é uma tão pura adoração, eu a colloquei tão alto na minha veneração, que as palavras apaixonadas d'esses homens me parecião denegril-a como o fumo de um torpe incenso... Loucura!... Eu devia saber que ellas não chegavão ao seu coração, como não chegavão a Deus as blasphemias do impio!...

Emilia respondeu-me com um sorriso delicioso, pousando a mão sobre a minha:

— Não me eleve tanto, para que outra vez não me deixe cahir de tão alto!... Esses homens erão apenas livros para mim; ás vezes tinha lido na vespera sua cópia impressa. Terá ciumes, Augusto, dos romances que eu leio? Soffreu vendo-me no theatro assistir á representação de uma comedia?

— Já lhe suppliquei meu perdão. Eu estava louco!

Ella foi n'essa noite e nos dias seguintes de uma bondade inexhaurivel para mim. Voltámos aos nossos antigos passeios e ás conversas intimas. Eu estava outra vez terno e amante a seus pés, mas orgulhoso e contente do meu triunpho.

Emilia cumpríra sua palavra de um modo que eu não ousaria esperar. Appareceu ainda algumas noites em casa de D. Mathilde, como para mostrar-me o modo significativo por que despedia os seus adoradores; realmente soube arredal-os a tal distancia que nem um d'elles se animou a voltar. As horas que ali passou esteve completamente isolada, ou perto de mim e a meu braço.

Por mim deixou de sahir, e fez que cessassem as reuniões em sua propria casa, até nos domingos. Desde então parecia que ella se poupava ao mundo, e guardava toda, para entregar-se sem reserva ás expansões de meu amor.

Assim voárão dois mezes de felicidade.

Durante todo esse tempo, Emilia foi de uma submissão e docilidade que me punha sempre attonito, e muitas vezes affligia.

Tomava para comigo uma attitude de vic-

tima resignada e contricta; parecia que minha vontade a tyrannisava, quando era eu misero quem supportava a tyrannia de seus caprichos. Mas ella sentia não sei que intimo prazer em humilhar-se aos meus olhos; e tinha o talento de, captivando-me o coração e o pensamento, insinuar que obedecia ao minimo aceno meu.

Succederão muitos accidentes, como o que te vou referir.

Encommendava ella á sua modista algum elegante vestido, ou comprava qualquer novidade parisiense recentemente chegada. A primeira vez que nos viamos, logo me fazia alguma pergunta n'este genero:

—Qual é a côr mais de seu gosto?

Ou então:

—Acha bonita a nova moda de vestidos?

Respondia-lhe com volubilidade, sem dar grande importancia á questão. Acontecia ás vezes que o vestido era da côr ou da moda não preferida por mim; ella o immolava sem piedade; em folha, como estava, fazia d'elle presente a alguma moça, ou sepultava-o nos recantos de uma commoda. Entretanto, o vestido era lindo; e fosse feio, que eu o achára divino, trajado por ella.

Se eu incommodava-me com estes novos caprichos de humildade, tão avessos dos anteriores inspirados no orgulho, e como elles tão imperativos, ella insistia impaciente, e não tolerava da minha parte a minima observação. Muitas vezes por essa causa nos separámos tristes e magoados.

Em nossos mutuos devaneios, quando me cabia a vez de falar, vasando as expansões de meu coração cheio, ajoelhava todo meu ser ante o idolo de sua graça.

Ella, antes meiga e docil á minha palavra, já a não escutava; e abstrahia-se ás ferventes adorações para se refugiar em não sei que penosa e amarga scisma. O que encantára outra mulher, parecia enfastial-a; derramava-se por seu rosto uma nuvem de tedio e desgosto.

Quasi sempre esquivava-se logo, e deixando-me só alguns instantes, rompia a conversa.

XVII

FOI hontem.

Deixára Emilia na vespera descontente por causa de um dos nossos conflictos de submissão reciproca.

Achei-a porém já esquecida d'essa pequena contrariedade, e satisfeita. Comtudo, tinha certa gravidade no olhar e na fronte que annunciava o peso de muitos pensamentos ali concentrados.

Falou com sua graça costumada; falou do passado, recordando de leve as phases por que passára nosso amor. Era sua historia intima, o romance de sua alma, que ella esboçava a traços finos e delicados.

Depois de comparar sua existencia anterior

tão agitada com o actual isolamento e tranquillidade, fixou-me nos olhos, emquanto me dirigia com a voz lenta estas palavras:

— Está satsifeito? Não foi cegamente obedecido?

— Oh! Mila! Obedecido, não! Não me atrevia a pedir tanto... É uma graça que me concedeu... e eu a recebi de joelhos!...

— Ah! fez ella com uma expressão indefinivel de tedio.

Geraldo entrava n'esse momento. Depois de apertar-me a mão:

— Diz-me uma cousa, Amaral? Por que razão prohibiste a Mila de sahir de casa?

— Ora, Geraldo! respondi eu enfadado. Nunca has de ter juizo.

— Foi ella quem me disse!...

— D. Emilia?...

— E tu acreditaste! disse Mila ao irmão com um riso ironico.

Isto passava-se hontem.

Hoje á tarde, chegando á sua casa, achei o carro á porta e ella na sala pronta para sahir; só esperava por D. Leocadia.

— Vai sahir? perguntei-lhe triste.

— Não vê? respondeu correndo os olhos pelo seu trajo.

— Volta cedo?

— Não! Vamos ao theatro.

— Ah!... Tinha-me... promettido não, mas habituado já a vel-a longe do mundo, bonita e risonha só para mim!...

— É verdade; mas os habitos sempre continuados afinal trazem a monotonia.

Tive um terror panico. Ouvindo as palavras desdenhosas de Emilia e vendo-a calçar as luvas, não sei que allucinação foi a minha; afigurou-se-me que essa moça ia outra vez ser-me arrebatada pela vertigem do mundo; que eu a ia perder, e agora para sempre.

— Mila, não sei que tristeza profunda me causa esta sua ida ao theatro... É uma exquisitice minha!... Que cousa mais simples do que ir ao theatro?... Mas... Não comprehendo este temor... Eu lhe supplico!... Antes de partir dê-me coragem! Diga-me essa palavra que eu espero ha tanto tempo!

Ella esquivou a mão, que eu procurava, vestindo-se da dignidade fria que a envolvia ás vezes como tunica de gelo.

— Tem muita pressa de ouvir essa palavra!... Ha de querer tambem um juramento solemne... que firme seus direitos... Poderá então impôr-me sua vontade, e que remedio terei eu senão sujeitar-me!... Mas ainda é cedo. Espere, meu senhor!

Subita e profunda revolução se operou em mim; subjugado por ella eu apenas pude pronunciar uma phrase; mas que profusão de sentimentos, que riqueza de paixão, a alma não verte n'uma só palavra, mesmo vulgar!...

— Basta, senhora!

Não sei se minha voz echoou n'alma de Emi-

lia, como resoava na minha; era o grito de uma paixão na agonia.

Emilia caminhou para mim, absorta em dolorosa emoção: senti sua mão pousar no meu hombro, os seus olhos nos meus, o seu halito nas minhas faces, a sua palavra cahindo a uma e una no meu cerebro. Mas eu estava tão profundamente mergulhado em mim mesmo que não comprehendia n'aquelle instante nem o que olhava, nem o que ouvia.

— Augusto! Seu amor é um nobre e santo amor, como eu pedia a Deus que me désse a fortuna de inspirar!... Responder-lhe com uma d'essas affeições banaes a que o coração reserva apenas as horas vagas que deixão o calculo e a vaidade, seria uma profanação indigna!... Espere, e lhe peço que espere para não causar por um engano a sua e minha desgraça; para não ser obrigada a dizer-lhe um dia: «Eu me illudi! Esta vida que lhe dei, não a podia dar, não me pertencia, mas áquelle de quem a roubei e agora a reclama! Trahi a um, menti a outro; falhei meu destino; só me resta morrer!» Eis porque eu lhe digo que espere.

Calou-se um instante.

— Talvez me illuda!... Ha horas em que duvido ainda como outrora. Quero esperar um anno ainda... Acha muito? Para decidir de duas existencias?... Se d'aqui a um anno eu conhecer que não amo, a esta mesma hora, no lugar onde o senhor estiver, eu irei dizer-lhe: «Deus negou-me a ventura de amar; mas o senhor me

ama; se a minha vida é necessaria á sua felicidade, tome-a; eu lh'a dou com prazer; eu lhe pertenço, sem amor, mas cheia de dedicação!» Ouviu, Augusto?... Quer um juramento?

— É inutil! Eu já a não amo!

Fui sincero n'esse momento. Aquelle sarcasmo com que Emilia respondêra á minha supplica, o egoismo frio que ella revelára, tinhão traspassado minha alma, e escoado o amor até a ultima gota. Eu acabava de ver, a nú, o aleijão repulsivo d'aquelle coração de moça.

— Acredite; repeti com desprezo. Acabou, e já nem me lembro que amei! Está agora tão longe de mim esse passado!...

Ella mostrou uma ligeira perturbação; mas immediatamente sua altivez a serenou. Então, Paulo, passou-se, o que só póde comprehender quem viu essa mulher sublime. Fez-se n'ella como um jubileu de graça e luz. Aquella radiante formosura expandiu-se vertendo de si nova e mais esplendida formosura. Imagina uma apotheose de belleza.

Emilia assim transfigurada teve um sublime gesto de duvida.

— É impossivel!...

D. Leocadia entrava. Despedi-me e parti.

São duas horas da noite. Tive a coragem de não apparecer no theatro. Lembrando-me que Emilia lá estava e desenhando em meu espirito a imagem de sua fulgurante belleza, achei-me calmo; perscrutei meu coração e encontrei-o forte.

Realmente já não amo essa mulher, ou se a amo ainda, semelhante affeição está sepultada de-

baixo de outras paixões que acabarão por aniquilal-a completamente.

O que eu sinto agora é só um desejo frio de vingar-me e pagar a Emilia desprezo por desprezo.

Eis a historia do meu primeiro e talvez unico amor, Paulo; precisava derramar no teu seio as lagrimas que ainda n'este momento afogão meu coração.

XVIII

PENSAVA ter concluido esta carta, mas não, Paulo! Tornei a vel-a!

É passado um mez.

Durante elle evitei encontrar-me com Emilia. Minha alma precisava d'esse momento de repouso entre o amor extincto e o odio nascente.

Foi ha tres dias que a vi pela primeira vez depois do nosso rompimento.

Jantava eu em casa de D. Mathilde. Estava encostado ao piano ouvindo Julinha tocar; a mãi chamou-a. N'essa occasião Emilia aproximou-se de mim e disse-me com o seu habitual sarcasmo:

— Já não me ama... Porque foge de mim? Tem medo?

Estamos sós na sala. Travei-lhe do braço e apertei-o com impeto brutal.

— A senhora acredita que a consciencia de uma grande infamia póde matar um homem de brio?... Pois se fosse possivel que eu viesse a

amal-a, sinto que teria tão grande asco de mim e uma vergonha tal que me fulminaria como o raio!

Soltei-lhe o braço. Ella deixou-se cahir sobre uma cadeira, e sustendo com a outra mão o pulso maguado, esteve a olhar a nodoa rôxa que deixára a pressão de meus dedos. Adejava em seus labios um sorriso de martyr.

Eu me afastára indignado de minha propria brutalidade. Não te posso explicar o que foi isso. O sarcasmo de Emilia irritou-me de uma maneira que ainda agora não comprehendo. Seria porque eu ainda a amo, mau grado meu, e sua palavra me denunciára minha propria vileza?

No jantar incommodava-me muito aquella nodoa rôxa. Emilia estava sentada quasi defronte de mim, e a cada momento seu braço volteava em torno d'ella, talvez de proposito, para mostrar a contusão.

— Mila! disse-lhe D. Mathilde de longe. O que tens no braço esquerdo?

— É verdade! acudiu Julinha. Está rôxo. Que foi isso?

— É o signal da minha cadeia! respondeu Emilia sorrindo.

— Que cadeia, Mila? perguntou D. Leocadia.

— Pois não tenho uma pulseira com a fórma de um grilhão?...

— Tens, sim.

— Hoje brincando, ella cerrou-me tanto, que pensei me quebrava o pulso!...

— Não deves mais usar d'ella.

— Porque? Ella é innocente; a culpa foi mi-

nha. Não foi? disse espreguiçando sobre mim o languido olhar.

Voltei o rosto sem responder-lhe. Eu começava a sentir uma especie de pavor d'essa menina. Havia n'ella a inspiração heroica e a tentação satanica que o genio do bem ou do mal derrama sobre a humanidade pela transfusão da mulher. Em outra scena mais larga eu a julgaria capaz de vibrar o punhal de Judith ou de Macbeth.

Desde esse dia quando ella se aproxima de mim, ou mesmo de longe me envolve com seu olhar malefico, a minha coragem vacilla. A raiva que sinto de mim mesmo reflúe sobre ella. Cubro-me então com o motejo offensivo e grosseiro. Que queres, Paulo? É a coragem do desespero.

Mas ella, a incomprehensivel creatura, longe de offender-se, parece deleitar-se com as explosões do meu despreso e resentimento.

Ainda hontem.

Conversavamos indifferentemente, quando veiu a falar-se de uma moça, que amava seu primo a quem estava promettida, e de repente se casára com o filho de um rico capitalista. Já sabes; a noiva era acremente censurada; eu tomei sua defesa contra Julinha.

— Pois eu desculpo essa moça, D. Julinha; seu amor tinha talvez a coragem da morte, mas não tinha a coragem da pobreza. Ha naturezas assim; os grandes sacrificios as exaltão, os pequenos as humilhão. Eu não a desculparia se ella fosse rica, e em vez de sentir o orgulho de inspirar um amor capaz de resistir a essa seducção do dinheiro,

se contentasse em compral-o... E nem só compral-o; mas acenar, como os avarentos, com o seu dinheiro, para ter o prazer incomprehensivel de aviltar a turba de adoradores, entre os quaes ella afinal escolherá um marido!... Um marido regateado!...

Emilia soltou uma risada argentina; do alto de sua belleza mais que nunca altiva e radiosa atirou-me um olhar augusto. Ergueu-se, e não sei que elação deu ella com esse movimento ao seu talhe, que parecia subida a um throno.

Conservava-me de pé no mesmo lugar, com as costas apoiadas a uma arvore do jardim. Ella atravessou o espaço que nos dividia e veiu a mim feita em risos, com o passo tão doce e lento que resvalava sobre a areia, onde a orla de seu vestido mal roçava. Vendo-a aproximar-se tanto, retrahi-me contra a arvore para não tocal-a.

Parou emfim: estendendo o labio altivo, disse-me com a voz indefinivel, uma voz onde havia tudo, odio e amor, desprezo e ternura, meiguice e sarcasmo; uma voz que parecia canto, grito e soluço ao mesmo tempo:

— Que é isso, senão amor?... Ama-me ainda e mais do que nunca!

Voltou; e agora a fimbria de seu vestido roçagando rojava pela areia, e ella olhava-a sorrindo por cima do hombro, e de proposito inclinava-se mais para ennegrecel-a no pó, como se fôra a minha alma abjecta que ella arrastasse assim pelo chão.

Firmei-me ao tronco da arvore com todas as

minhas forças, porque o meu primeiro assomo fôra terrivel. Eu não sei o que seria de mim, se eu désse n'aquella circumstancia um primeiro passo para essa moça. Fiquei ali immovel, vendo-a de longe a voltear entre os arbustos.

De repente senti uma calma assustadora derramar-se em minha alma; era alguma cousa como uma algidez moral, reacção da grande colera.

Tive necessidade de insultar essa moça.

XIX

VOLTO de sua casa.

Que noite, Paulo! Que noite de ira, foi esta para mim!

Cheguei ao Rio Comprido quasi ao escurecer. Estavão todos no jardim. Depois de alguns instantes, Emilia ergueu-se e afastou-se lentamente do grupo. A alguma distancia, parou para colher uma flôr, voltou-se, e olhou-me.

Aproximei-me; ella continuou seu passeio solitario pela chacara. Chegando á cerca onde as murtas formavão um bosque espesso em torno de assentos de pedra, voltou-se de novo para mim e sorriu. Como eu hesitasse se devia seguil-a, fez-me um aceno gracioso.

Sentámo-nos: erão seis horas da tarde; uma sombra luminosa ainda e de uma doçura immensa derramava-se por aquelles lugares. As vozes de Julinha e das outras moças que passeavam do

lado opposto, chegavão-nos atravéz das folhas e da sombra com uma suavidade extrema.

Mas essa doçura da tarde, a belleza de Emilia, os perfumes das flôres, tudo que havia de suave ali, irritava-me; eu tinha a alma ulcerada, e não havia balsamos, senão cauterios, para cicatrizal-a.

Falei-lhe com volubilidade, travada do fel que borbotava do coração.

— D. Emilia, nós estamos representando o papel de duas crianças, atormentando-nos um ao outro, e talvez servindo de thema á malignidade alheia. Hontem, a senhora cuida que não ouvirão suas palavras?

— Que as ouvissem! Foi o senhor mesmo quem se denunciou!...

— Já lhe disse e repito, D. Emilia, eu não amo a senhora... Nunca a amei!...

— Mentiu-me então?

— Menti, confesso...

— Creio antes que mente agora. A mentira é irmã do insulto.

— Desculpemo-nos mutuamente, D. Emilia; ambos errámos e para que estas scenas não se repitão, eu quero ser franco. A senhora me fez uma vez, ha tempo, sua confissão: quer ouvir a minha?

— Fale! replicou Emilia com um tom de ameaça.

— Eu não sou inteiramente pobre, mas tambem não sou rico, e tenho acima de tudo a ambição do dinheiro.

— Ah! fez ella cerrando as palpebras e encostando a cabeça no recosto do banco para ouvir-me impassivel.

Seu olhar, coando entre os cilios e partindo-se em mil raios, scintillava sobre meu rosto, como o tremulo rutilo de uma estrella.

— O que lhe vou dizer é talvez humilhante para mim; mas eu me sacrifico!

— Muito agradecida! Isso me penhora: respondeu-me, inclinando-se com um serio imperturbavel.

— Á excepção do commercio, a senhora sabe que não ha no Brasil carreira alguma pela qual se possa chegar depressa... e honestamente á riqueza. A minha, mal dá para viver com decencia. Portanto sendo eu honesto... porque tenho medo da policia, e não gosto que me incommodem... sendo eu honesto, repito, só havia um recurso á minha ambição... Adivinha qual?

— Suspeito; mas diga sempre.

— O do casamento.

— É um recurso licito e facil.

— Não tanto como lhe parece.

— Ora! para o senhor?...

— Para mim, sim senhora; porque embora ambicioso, eu não estou disposto a sacrificar á riqueza minha felicidade; seria um absurdo, pois se eu quero ser rico é para ser feliz.

— E como pretende conciliar isto! Deve ser curioso.

— É agora que eu preciso de toda a sua indulgencia; vendo-a quando voltei da Europa, sen-

ti-me attrahido para a senhora por uma inclinação que eu considerei amor; e essa inclinação... Não devo occultar cousa alguma para minha maior vergonha... essa inclinação augmentou involuntariamente quando soube que os negocios do Sr. Duarte tinhão prosperado de tal fórma que elle era senão o maior, um dos maiores e mais solidos capitalistas da praça do Rio de Janeiro... Não sei se deva continuar!...

— Porque não, doutor? Eu estou ouvindo-o com um prazer immenso!

— Mas eu me acanho...

— É modestia propria dos homens de talento, que sabem viver. Mas nós nos conhecemos!...

— Bem; eu continúo. Disse-lhe que a amava já muito, mas isso não era nada em comparação do que senti depois... Um dia, alguem, creio que um corretor, assegurou-me que o Sr. Duarte era nada menos que milionario... duas vezes milionario...

— Ah! Eu ignorava!

— Pois saiba que é. Viuvo, só com dois filhos... pensei eu... Então D. Emilia terá um milhão de dote! Um milhão! Desde esse momento meu amor não teve mais limites; tornou-se uma paixão digna de Romeu, de Othelo, dos mais celebrados heróes de dramas e romances. Como sua formosura então revelou-se resplandecente a meus olhos!...

Eu comprehendi n'essa occasião os poetas que eu não comprehendêra nunca, e as suas comparações mineraes... Vi que seus dentes mimosos erão realmente perolas de Ceylão, seus labíos rubís de

Ophir, e seus olhos diamantes da melhor agua! Sua voz argentina tinha aos meus ouvidos essa melodia ineffavel, que nem Rossini nem Verdi puderão ainda imitar, a melodia do ouro... do ouro, a senhora bem sabe, a lyra de Orpheu d'este seculo!...

Oh! Que paixão, D. Emilia! Era um delirio... uma loucura... Foi então que eu não pude mais resistir e confessei-lhe que a amava!

Emilia ergueu-se rapida:

— Ah! comprehendo agora!...

Como não fiquei ao ver aquella mulher, exultando de jubilo e orgulho ali, em face de mim, que pensava tel-a afinal humilhado com meu frio sarcasmo.

— O que é que a senhora comprehende, D. Emilia?

— Que eu vivo em sua alma! E como o senhor não póde arrancar-me d'ella, procura rebaixar-me a seus proprios olhos e humilhar-me para ter a força, que não tem, de me desprezar! O senhor ama-me, e ha de amar-me emquanto eu quizer... e ha de esperar aqui, a meu lado, até que chegue a hora em que me perca para sempre... Porque eu, é que posso jurar-lhe: não o amo, não o amei, não o amarei nunca...

A paixão, recalcada por algum tempo, ergueu-se indomavel em minha alma, e precipitou como uma féra sedenta para essa mulher. Toda a lia que o peccado original depositou no fundo do coração humano, revolveu-se e extravasou.

Eu avancei para Emilia; e meu passo hirto, e meu olhar abrasado, devião incutir-lhe terror.

— Pois bem, exclamei eu com a voz surda e tremula. A senhora quer! É verdade! Eu a amo! Mas aquella adoração de outrora, aquelle culto sagrado cheio de respeito e admiração... tudo isso morreu! O que resta agora n'este coração que a senhora esmagou por um barbaro divertimento, o que resta, é o amor brutal, faminto, repassado de odio... é o desespero de se ver escarnecido, e a raiva de querêl-a e obrigal-a a pertencer-me para sempre e contra sua propria vontade!...

— Eu o desprezo!... respondeu-me Emilia.

Era quasi noite. A voz de Julinha soou no jardim, chamando a prima, eu ia dar um ultimo passo para Emilia; hesitei.

— Fuja, senhora!

Ella não se moveu; ficou muda emquanto os échos da voz de Julinha continuando a chamal-a resoavão ao longe. Quando o silencio restabeleceu-se, e parecia que a prima se tinha afastado, ella veiu collocar-se em face de mim, e erigindo o talhe e cruzando os braços affrontou-me com o olhar.

— O senhor é um infame! disse com arrogancia.

Fiz um esforço supremo; inclinei-me para beijar-lhe a fronte. Seu halito abrasado passou em meu rosto como um sopro de tormenta.

Ella atirára rapidamente para tráz a altiva cabeça, arqueando o talhe; e sua mão fina e nervosa flagellou-me a face sem piedade.

Quando dei acordo de mim, Emilia estava a meus pés. Sem sentir eu lhe travára dos pulsos e

a prostrára de joelhos diante de mim, como se a quizera esmagar. Apezar da minha raiva e da violencia com que a molestava, essa orgulhosa menina não exhalava um queixume; soltei-lhe os braços maguados e ella cahiu com a fronte sobre a areia.

— Criança!... E louca!... murmurei afastando-me.

Emilia arrastou-se de joelhos pelo chão. Apertou-me convulsa as mãos, erguendo para mim seu divino semblante que o pranto orvalhava.

— Perdão!... soluçou a voz maviosa. Perdão, Augusto! Eu te amo!...

Seus labios humidos das lagrimas pousárão rapidos na minha face, onde a sua mão tinha tocado. E ella estava diante de mim, e sorria submissa e amante.

Fechei os olhos. Corri espavorido, fugindo como um phantasma a essa visão sinistra.

XX

«SIM, Augusto, eu te amo!... Já não tenho outra consciencia de minha vida. Sei que existo, porque te amo.

«N'aquelle momento, de joelhos, a teus pés, essa grande luz encheu meu coração. Acabava de ultrajar-te cruelmente; detestava-te com todas as forças de minha alma; e de repente todo aquel-

le odio violento e profundo fez-se amor! Mas que amor!

«Desde então me sinto como inundada por este immenso jubilo de amar. Minha alma é grande e forte; guardei-a até agora virgem e pura; nem uma emoção fatigou-a ainda. Entretanto receio que ella não baste para tanta paixão. É preciso que eu derrame em torno de mim a felicidade que me esmaga.

«Porque me fugiste, Augusto?... Segui-te repetindo mil vezes que te amava; confessei-o a cada flôr que me cercava, a cada estrella que luzia no céo. Minha alma vinha a meus labios para voar a ti n'esta abençoada palavra, — eu te amo! Tudo em mim, meus olhos cheios de lagrimas, minhas mãos suplices, meus cabellos soltos, se tivessem uma voz falarião para dizer-te, — ella te ama!

«Beijei na areia os signaes de teus passos, beijei os meus braços que tu havias apertado, beijei a mão que te ultrajára n'um momento de loucura, e os meus proprios labios que roçarão tua face n'um beijo de perdão.

«Que suprema delicia, meu Deus, foi para mim a dôr que me causavão meus pulsos maguados pelas tuas mãos! Como abençoei este soffrimento!... Era alguma cousa de ti, um impeto de tua alma, a tua colera e indignação, que tinhão ficado em minha pessoa e entravão em mim para tomar posse do que te pertencia. Pedi a Deus que tornasse indelevel esse vestigio de tua ira, que me sanctificára como uma cousa tua!

«Vierão encontrar-me submergida assim na minha felicidade. Interrogarão-me; porém eu só ouvia os canticos de minha alma cheia das melodias do meu amor. Não lhes fallei, com receio de profanar a minha voz, que eu respeito depois que ella te confessou que eu te amo. Não deixei que me tocassem para não te offenderem no que é teu.

«Quero guardar-me toda só para ti. Vem, Augusto: eu te espero. A minha vida terminou; começo agora a viver em ti.

«Tua Emilia.»

São onze horas.

Recebo agora esta carta, aqui na cidade.

Quando fugi hontem de Emilia, tinha tão grande terror de mim mesmo, que não me animei a ficar no Rio Comprido.

Acabando de ler o que ella me escrevêra, pedi a Deus que me désse coragem para resistir:

— Senhor! Vós sabeis que eu não devo amar essa mulher! Seria uma infamia!...

Achei Emilia sentada em uma cadeira, absorta em seu enlevo. Vendo-me, toda essa bella creatura assumiu-se n'um só e ineffavel sorriso para cahir a meus pés, diffundido sua alma n'estas palavras impetuosas:

— Eu te amo, Augusto!

Depois continuou repetindo uma e muitas ve-

zes a mesma phrase, como se estudasse uma modulação de voz que pudesse exprimir quanto havia de sublime n'aquelle grito d'alma.

— Sim! Eu te amo!... Eu te amo!...

Erão as notas da celeste harmonia que seu coração vibrava, como o rouxinol canta na primavera e as harpas eolias resoão ao sopro de Deus.

Quando ella desafogou sua alma d'esta exuberancia da paixão, falei-lhe:

— Mas reflicta, Emilia. A que nos levará esse amor?

— Não sei!... respondeu-me com indefinivel candura. O que sei é que te amo!... Tu não és só o arbitro supremo de minha alma, és o motor de minha vida, meu pensamento e minha vontade, és tu quem deves pensar e querer por mim... Eu?... Eu te pertenço; sou uma cousa tua. Pódes conserval-a ou destruil-a; pódes fazer d'ella tua mulher ou tua escrava!... É o teu direito e o meu destino. Só o que tu não pódes fazer em mim, é que eu não te ame!...

Emfim, Paulo, eu ainda a amava!...

Ella é minha mulher.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 25 DE MARÇO DE 1921